

Sesc Riacho Fundo

Um local de incentivo ao exercício criativo para a população do DF



Artur Tissiani Costa

15/0051174

Orientador: Eduardo Pierrotti Rossetti

Banca examinadora: Leandro de Sousa Cruz

Daniel Correia de Brito

Universidade de Brasília

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

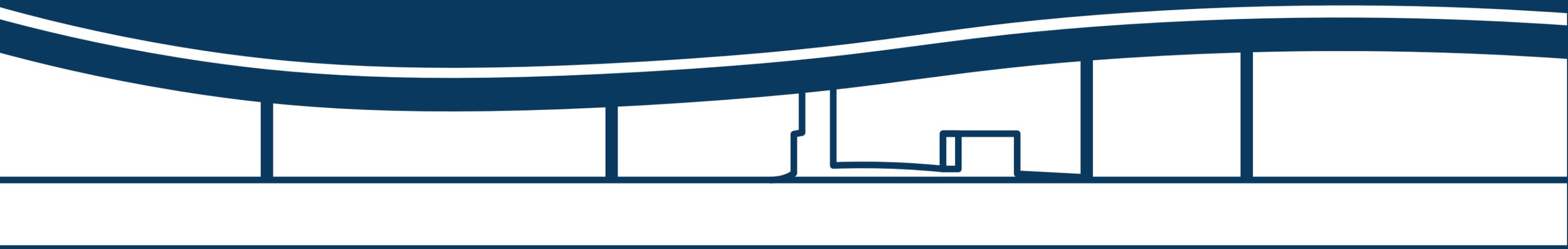
Diplomação 2

2/2020

Sumário

Contextualização.....	04
·	
Apresentação.....	05
A importância do espaço criativo.....	06
O Sesc Pompeia.....	08
O programa sesc no DF.....	10
O local	13
O terreno.....	17
Diretrizes de projeto.....	20
Planejamento.....	21
Plantas Iniciais.....	23
A implantação.....	26
Referencias projetuais.....	28
Arquitetura.....	30
O partido.....	31
O projeto.....	32
A estrutura.....	38
Plantas baixas e detalhes.....	40
Bibliografia.....	49

Contextualização



Apresentação

Ao considerarmos como produção artística tudo aquilo que é resultado de um processo tanto criativo quanto ressignificativo, podemos afirmar que nunca antes na história da humanidade fomos cercados por tantas experiências de arte. Ilustrações, moda, fotos, filmes, arquitetura e assim por diante são elementos muito presentes em nossas vidas, e, apesar de serem expressões artísticas diferentes, todas foram idealizadas a partir de uma atividade criadora, seja ela exercida como um ato de criação livre e expressivo, ou como ofício a partir de uma demanda e com o intuito de geração de renda.

Independente da motivação deste exercício criativo, podemos entender que a produção artística exerce papel fundamental para nossa expressão e auto-entendimento.

Através de sua idealização qualquer pessoa, criador/ artista experiente ou não, consegue se manifestar e se identificar de diferentes maneiras estéticas, sejam elas ideias tanto individuais quanto coletivas, como características de sua comunidade por exemplo.

Por justamente ser este elemento chave para a nossa identificação e expressão cultural, pode-se assumir então que a experiência artística, vivida como criador ou como espectador, deveria ser uma prática possível e de fácil acesso a todos.

Em seu livro “A estética do oprimido” (2008), Boal defende justamente que o potencial criativo de seu indivíduo é o que permite uma sociedade a ser de fato resistente a qualquer tipo de imposição que apague ou se apodere de suas características principais, deste modo afetando sua liberdade e autonomia. Logo, é muito importante que este direito ao exercício deste potencial criativo seja uma garantia de todos

“Não queremos oferecer ao povo o acesso à cultura – como se costuma dizer, como se o povo não tivesse sua própria cultura ou não fosse capaz de construí-la. Em diálogo com todas as culturas, queremos estimular a cultura própria dos segmentos oprimidos de cada povo. Queremos promover a multiplicação dos artistas.”¹

Este potencial criativo, no entanto, pode ser prejudicado pela falta de acesso e incentivo, e principalmente pela falta de espaço e ferramentas adequadas para criação. Este problema se agrava ainda mais quando esta atividade, por parte de qualquer indivíduo, é exercida como ofício. Sem as condições ideais para o processo artístico é possível que artistas/ artesãos passem por grandes empecilhos ao produzir suas obras, prejudicando assim sua principal fonte de renda.

Tendo isto em mente, é possível entender a necessidade de um espaço democrático e de fácil acesso para toda a população do DF exercer este direito criativo, por isso, o intuito deste projeto é criação deste local, que não somente seja um espaço de convivência e de troca entre artistas e comunidade, mas que também possua ateliês adequados e todo o material necessário para os variados tipos de expressão artística.

¹ (BOAL, 2008, p.46). A estética do oprimido. 4ª Edição. Brasil, Fundação nacional das artes. Editora Garamond Ltda, 2019.

A importância do espaço criativo

A arte não possui, e nem tem a obrigação de possuir, uma forma correta de ser ou de se apresentar, muito menos um objetivo único a ser alcançado. Ela pode se materializar de diferentes maneiras e ser um objeto decorativo sem grandes pretensões ou até mesmo ser provocativa, a fins de gerar inquietações a seu público ao ponto de causar grandes revoluções tanto introspectivas quanto coletivas, no entanto isso não são obrigações... mas sim possibilidades.

“A arte segue sendo este acontecimento indeterminado que nos abre novas possibilidades não só de percepção de novas formas de expressão e de experimentação com a linguagem, mas também de transformação dos modos de se conectar com o mundo, com a realidade a nossa volta, sempre plural, aberta e em disputa”²

Independentemente de sermos ou grandes artistas ou apenas iniciantes curiosos, todos temos a capacidade de desenvolver e experimentar a produção artística, pois são essas inúmeras possibilidades

de ser que fazem dela uma prática possível à todos. Entendendo isso, podemos notar a importância deste ato criativo para além de um propósito apenas focado em um produto final, pois é a experimentação e o exercício deste que nos proporcionam novas maneiras de nos comunicar e entender o mundo a nossa volta.

Essa atividade criadora, no entanto, pode ser prejudicado pela falta de acesso ao que chamaremos neste texto de “espaços criativos”. Os espaços criativos aqui englobam desde locais para manifestações culturais, onde ocorrem amostras criativas, encontros e discussões que proporcionem combustível para este potencial criador, até espaços de fato apropriados e equipados para o ato criativo, como os ateliês e oficinas. O propósito deste projeto é justamente a idealização de um espaço criativo e acessível para a população do DF que englobe estes dois aspectos.



² (OSORIO, Luis Camillo.2020, p.87) “Querelas que interessam: Forensic Architecture e os paradoxos da arte e da política”. Viso: Cadernos de estética aplicada. Rio de Janeiro: Editora, Vol 14., N 27., p. 71-91.

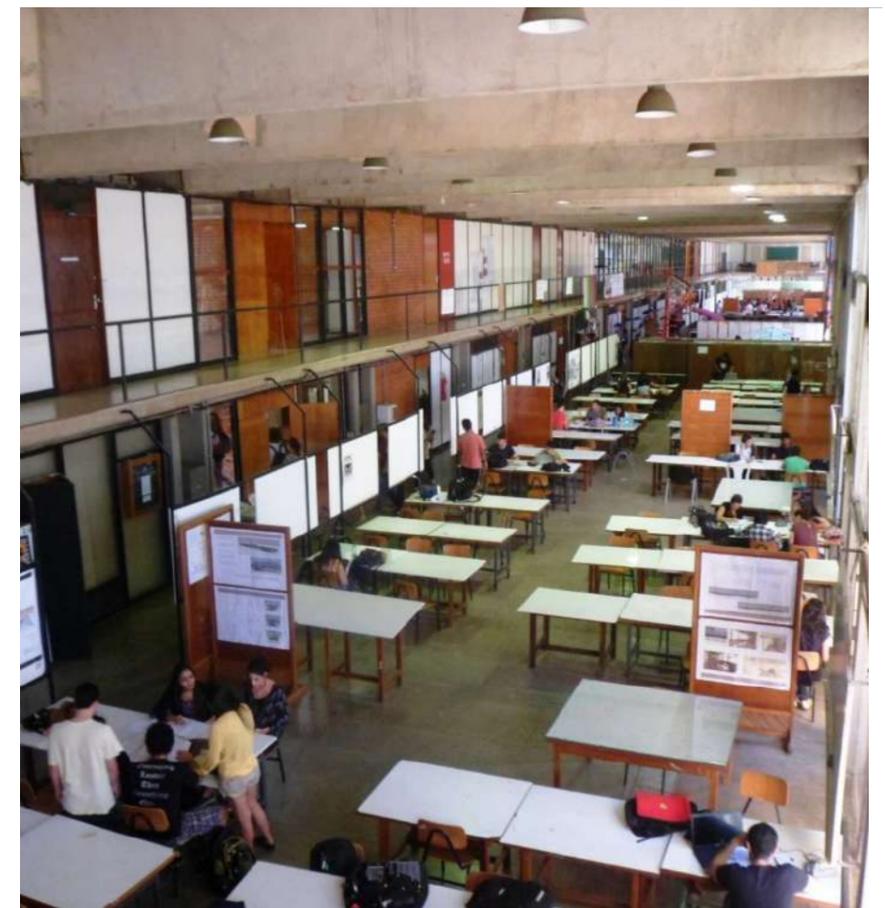


Figura 1: Ateliê da FAU - UnB. Fonte: Ítalo Stephan

A temática deste projeto nos retoma e se assemelha à ideia da construção de uma Bauhaus³ no meio do Distrito Federal, no entanto, diferentemente da Bauhaus, o foco do projeto não se encontra nas relações entre visão artística e produção em massa de suas obras, muito menos na ambição de criar uma “obra de arte total” (gesamtkunstwerk)⁴, mas sim na acessibilidade à população, um dos pontos principais na elaboração deste trabalho. O projeto ser um local acessível não quer implicar somente sobre sua localização e espaço físico, mas sim sobre ser um local convidativo para a prática e interação criativa de qualquer indivíduo, independentemente de seus resultados finais.



Figura 2: Aluna no ateliê de marcenaria da Bauhaus. Fonte: Edmund Colleijn

O espaço criativo como um condensador social

O termo “condensador social” foi criado pelo arquiteto do construtivismo soviético Moisei Ginzburg, para dar nome a um tipo de arquitetura que serviria como um instrumento de interação e transformação social dentro do novo estado socialista. Edificações como habitações coletivas com áreas de uso compartilhado e clubes populares trariam uma nova dinâmica e vitalidade para a vida comunitária com o objetivo de dar um fim a alienação gerada pelo sistema trabalhista.

A ideia desse “condensador social”, no entanto, se mostra uma ideia utópica e de difícil realização dentro de uma união soviética que depois passa a ser marcada por um regime totalitário, principalmente em edifícios habitacionais que transformam áreas onde ocorrem parte da vida privada em locais comunitários.

Na contemporaneidade, no entanto, a ideia de um condensador social volta a se tornar relevante. Em seu livro “Nova York Delirante” (2008) Rem Koolhaas entende que agora os grandes edifícios, como os arranha-céus de Manhattan, passam a incorporar inúmeras tipologias e utilidades para a vida cotidiana, se tornando assim “cidades dentro de cidades” e assim concentrando e estimulando dentro deles atividades sociais.

Tendo isto em mente, é muito importante entender a diferença entre condensadores sociais e “edifícios híbridos”. A partir de agora, algumas das críticas sobre os condensadores sociais passam a se basear na ideia de que este tipo de instrumento social se fecha para o seu entorno, a cidade, por se considerar auto-suficiente, e os coloca em detrimento aos edifícios híbridos, construções de uso misto (residencial e ao mesmo tempo comercial), por poderem possuir atividade econômica intensa, estimulando assim um fluxo entre o espaço interno da edificação com seu exterior, proporcionando assim mais interações.

No entanto, o edifício híbrido, em contraste ao condensador social, é uma invenção do capital, logo, sua criação não surgiu a partir de uma necessidade de estimular e aprimorar o convívio comunitário, mas sim de uma estratégia sócio-econômica que visa ao lucro, não se importando com estas interações comunitárias que são aqui simplesmente ocorrências. O condensador social contemporâneo, diferentemente disso, se mune de táticas e programas que valorizam e promovem a sociabilidade de seus frequentadores.

O espaço criativo, como discutido até então, possui um grande potencial de se tornar um condensador social moderno que ao mesmo tempo que estimula o ato da criação artística, também proporciona momentos de interação e de convívio de qualidade entre a comunidade que o frequenta.

Um grande exemplo de como não somente este espaço é possível mas sim também de como pode ser executado é o SESC Pompéia, projeto de Lina Bo Bardi em conjunto com Marcelo Ferraz e André Vainer, localizado na cidade de São Paulo, e grande referência para a idealização deste trabalho.



Figura 3: Sesc Pompeia. Fonte: Markus Lanz

³ Escola de arte e design alemã, fundada em 1919 pelo arquiteto Walter Gropius.

⁴ Termo alemão utilizado para se referir à “obra de arte total.”

O Sesc Pompeia



Figura 4: Ateliê do SESC Pompeia. Fonte: Nelson Kon

Como dito no último tópico, o Sesc Pompeia (1977-1986) é um ótimo exemplo de um espaço criativo que também exerce a função de um condensador social.

Projetado por Lina Bo Bardi com a colaboração de Marcelo Ferraz e André Vainer, o projeto foi encomendado pela instituição Sesc (Serviço Social do Comércio), com um intuito de construir um novo centro cultural e desportivo onde era uma antiga fábrica de tambores metálicos situada no bairro da Pompeia, local onde houve uma grande processo de urbanização e de industrialização algumas décadas antes, e que por conta disso trouxe um grande número de operários e famílias que ocuparam essa nova área urbana e que então futuramente usufruirão deste novo equipamento social com o resto da grande São Paulo.

A ideia da criação de um espaço voltado para o incentivo da convivência de sua comunidade passa então a ser uma das principais diretrizes a serem seguidas dentro do projeto, e por isso, apesar do intuito inicial ser a demolição da fábrica já existente, o

projeto vai na direção contrária e mantém sua estrutura original, que por possuir uma configuração espacial ampla e livre por conta de seu uso anterior, já teria as condições de proporcionar ao novo Sesc amplas áreas de convivência com a possibilidade de receber um grande número de pessoas, que irão coexistir e logo assim se relacionar dentro deste espaço.

Não somente as áreas destinadas para o convívio casual, mas espaços criados para atender programas específicos do projeto também foram pensadas desta maneira. Temos como exemplo não só o centro esportivo, através da “informalidade” da prática esportiva que o local te proporciona por conta de suas cores, medidas e circulação bem diferentes do que é usualmente feito para este tipo de programa, mas também como os ateliês, que são referência principal para a elaboração deste trabalho.

Os ateliês estão localizados dentro de um desses grandes galpões proporcionados pela estrutura da antiga fábrica, no entanto, apesar de serem em torno de 8 espaços diferentes destinados para diferentes



Figura 5: Pavilhão Multiuso do Sesc Pompeia. Fonte: Nelson Kon

práticas artísticas, não há uma ideia de separação muito grande entre eles pois suas divisórias, paredes feitas de blocos de concreto e independentes da estrutura antiga do galpão, proporcionam uma noção de interação e de multidisciplinaridade do ato criativo entre os diferentes grupos de trabalho e seus artistas justamente por não terem um fechamento com o grande pé direito do local.

Essa comunicação não ocorre somente entre os ateliês, mas também com seu público externo que, por conta dessa configuração espacial mais aberta, se sente de certa forma convidado a dar uma “olhadinha” no que ocorre dentro destes espaços, atijando a curiosidade de pessoas que anteriormente não teriam a intenção de participar destas oficinas, mas que então poderão

se inspirar e se inscrever para participar das próximas atividades, impulsionando e incentivando desta forma o surgimento de novos criadores e artistas.

Por fim, conseguimos entender então como o Sesc Pompeia consegue ser um grande exemplo de um condensador social que promove e qualifica tanto relações comunitárias quanto suas produções culturais, e, como já dito anteriormente, mas tendo agora este projeto como referência, o objetivo deste trabalho é a criação de um equipamento urbano que forneça para o Distrito Federal um espaço que não somente valorize e promova a sociabilidade de sua população, mas como também incentive e a permita exercer seu potencial criativo.

O programa Sesc demonstra através desta unidade, e de outras várias espalhadas pelo Brasil que também contribuem para o bem estar e qualidade de vida de suas comunidades, que possui as condições necessárias para manter e gerir um equipamento urbano como este, por isso, é interessante que este novo condensador social do Distrito Federal também seja uma unidade Sesc.

“Na Pompéia pretende-se que os indivíduos pensem e façam cultura. O contato com os produtores culturais e com suas realizações além de ser um valor em si mesmo, constitui o primeiro passo para que as pessoas comuns, engajadas em diferentes profissões e atividades se transformem, elas também, em produtores culturais. Aliás, acerca desse assunto, talvez seja mais acertado dizer que antes de tudo torna-se necessário alertar às pessoas de que elas, de uma forma ou de outra, já são produtoras de cultura, sem que disso tenham uma consciência muito nítida. Trata-se, enfim, de tornar claro para os indivíduos o potencial criador de que são portadores, assim como favorecer sua concretização.”⁵

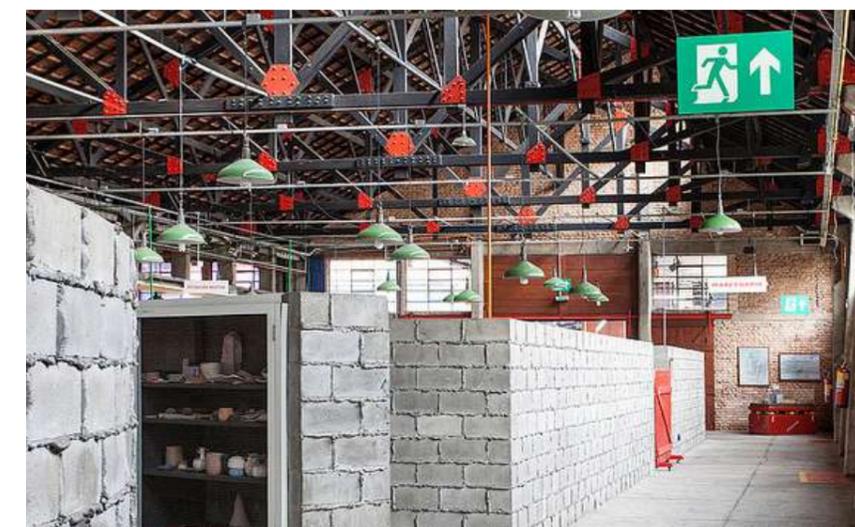


Figura 5: Ateliês do Sesc Pompeia. Fonte: Marco Antônio

⁵ Relato de Lina Bo Bardi disponível em: <http://oficinas.sescsp.org.br/historia>.

O programa Sesc no DF

Segundo a própria definição da instituição, o Serviço Social do Comércio (Sesc) é uma instituição privada mantida por contribuições sociais de caráter compulsório incidentes sobre a folha de pagamento das empresas do setor de comércio de bens, serviços e turismo, e tem como o principal propósito fornecer o bem estar e a melhoria de qualidade de vida dos empregados do setor e suas famílias. A instituição começou sua atuação no Distrito Federal em 1996, e apesar de ser uma instituição privada, vem atuando em conjunto principalmente com entidades governamentais



Figura 6: SESC Taguatinga Norte. Fonte : Divulgação Sesc

e hoje conta com 11 unidades físicas espalhadas por uma certa região do DF.

Podemos dividir os programas de atuação da instituição em 5 categorias diferentes: Educação, Assistência à população, Saúde, Lazer e Cultura; logo, as unidades presentes no Distrito Federal são equipadas para atender ao menos uma dessas categorias. No entanto, ao analisarmos com atenção as atividades ofertadas por cada uma dessas unidades, percebemos que seu programa cultural, foco deste projeto, se encontra de certa forma defasado.

O relatório de gestão do exercício das atividades do Sesc-DF de 20196 aponta que de todas as 5 categorias o programa cultural foi o único que atingiu resultados menos que adequados aos esperados da instituição. Mesmo recebendo um subsídio bem próximo

6 Utilizaremos para esta pesquisa o relatório de 2019 e não de anos seguintes pois a pandemia de coronavírus abalou drasticamente todas as atividades das unidades Sesc do Distrito Federal, que tiveram que ser ou interrompidas ou migradas para uma versão online, dificultando assim a análise destes dados e certamente afetando de forma negativa todo o programa.

Unidades sesc do DF

- 1 Sede Administrativa Sesc-DF
- 2 Sesc Logística - SIA
- 3 Sesc Presidente Dutra - Setor Comercial Sul
- 4 Sesc Estação 504 Sul
- 5 Sesc 913 Sul
- 6 Sesc Guará
- 7 Sesc Taguatinga Norte
- 8 Edusesc Taguatinga
- 9 Centro de atividades Sesc Ceilândia
- 10 Sesc Taguatinga Sul
- 11 Edusesc Samambaia
- 12 Centro de atividades Sesc Gama



9

7

8

6

2

1

3

4

5

10

11

12

Escala 1:150.000

0 5 10km

N

ao especulado, o percentual de execução orçamentária do programa assim como o número de inscrições de trabalhadores do setor de comércio e seus dependentes em suas oficinas e atividades ficaram bem abaixo do esperado (o que também pode ser um indicativo de baixas inscrições do público geral), e, segundo o próprio relatório, esse resultado se dá principalmente por conta da suspensão de alguns projetos para a reavaliação da nova gestão, que assumiu em 2019, e também pela falta de precisão de aquisição desses dados, pois grande maioria das atividades culturais são gratuitas, e por isso, não precisam exigir qualquer tipo de cadastro ou registro pessoal.

do DF são voltadas principalmente à categoria de lazer (que inclui também as atividades desportivas), e que apesar da maioria ter sim uma grande quantidade de oficinas e atividades culturais, elas em sua grande maioria são sempre voltadas para a dança, as artes cênicas e as produções musicais, o que não é e nem deve ser encarado como um problema, mas por terem necessidades mais fáceis de serem atendidas com relação principalmente a salas e equipamento, acabam permitindo assim pouco espaço para as atividades voltadas à produção visual, que normalmente se resumem apenas a locais de exposição, gibitecas ou oficinas de pintura.

A falta de espaços e equipamentos adequados se mostram então grandes empecilhos para a variedade do programa cultural do Sesc. Sendo assim, a intenção deste projeto é preencher esta lacuna com uma nova unidade voltada justamente para a produção cultural visual; que incentive o ato criativo através de vários ateliês bem equipados para diferentes práticas artísticas, e que além disso, justamente por ter esse plano de necessidades mais específico, seja um local de fácil acesso para que toda a população do Distrito Federal possa usufruir do que ela tem a oferecer de diferente em relação a programação das outras unidades espalhadas pelo território.

Programa Cultura				
INDICADOR	FÓRMULA DE CÁLCULO	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO	REALIZADO 2019	AVALIAÇÃO
Percentual da Execução Orçamentária no Programa	$(\text{Total das Despesas realizadas no Programa} / \text{Total das Despesas orçadas no Programa}) \times 100$	Entre 110% e 90% - Adequado Entre 119% e 111% e entre 89% e 70% - Atenção Maior que 119% e menor que 70% - Inadequado	68%	■
Nível de Subsídio no Programa	$[(\text{Despesas Correntes do Programa} - \text{Receitas de Serviços do Programa}) / \text{Despesas Correntes do Programa}] \times 100$	Maior que 75% - Adequado Entre 75% e 46% - Atenção Menor que 45% - Inadequado	97%	■
Percentual de inscrição dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e seus dependentes nas ações do Programa	$[\text{N}^\circ \text{ de inscrições de trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e seus dependentes (beneficiários) nas ações} / \text{Total de inscritos nas ações}] \times 100$	Maior que 50% - Adequado Entre 40% e 49% - Atenção Menor que 40% - Inadequado	38%	■

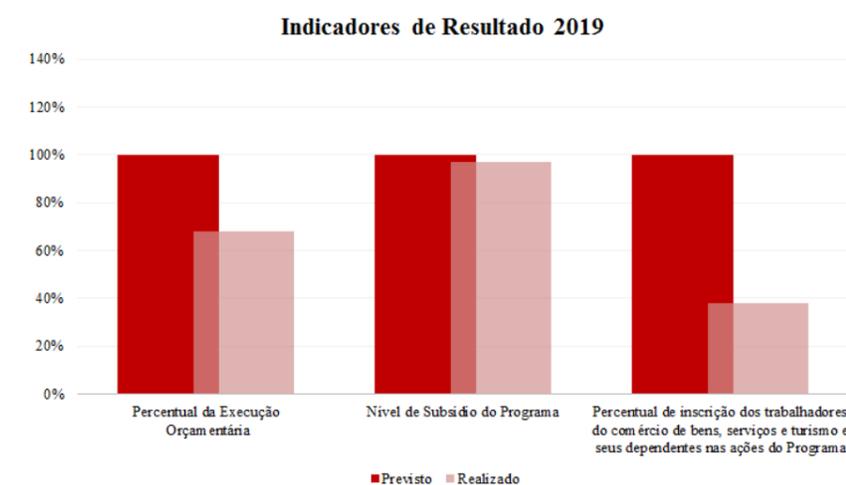


Figura 7 e 8: Indicadores do resultado de 2019 do programa cultural do Sesc DF. Fonte: Sesc/DF-ASP/COCULT

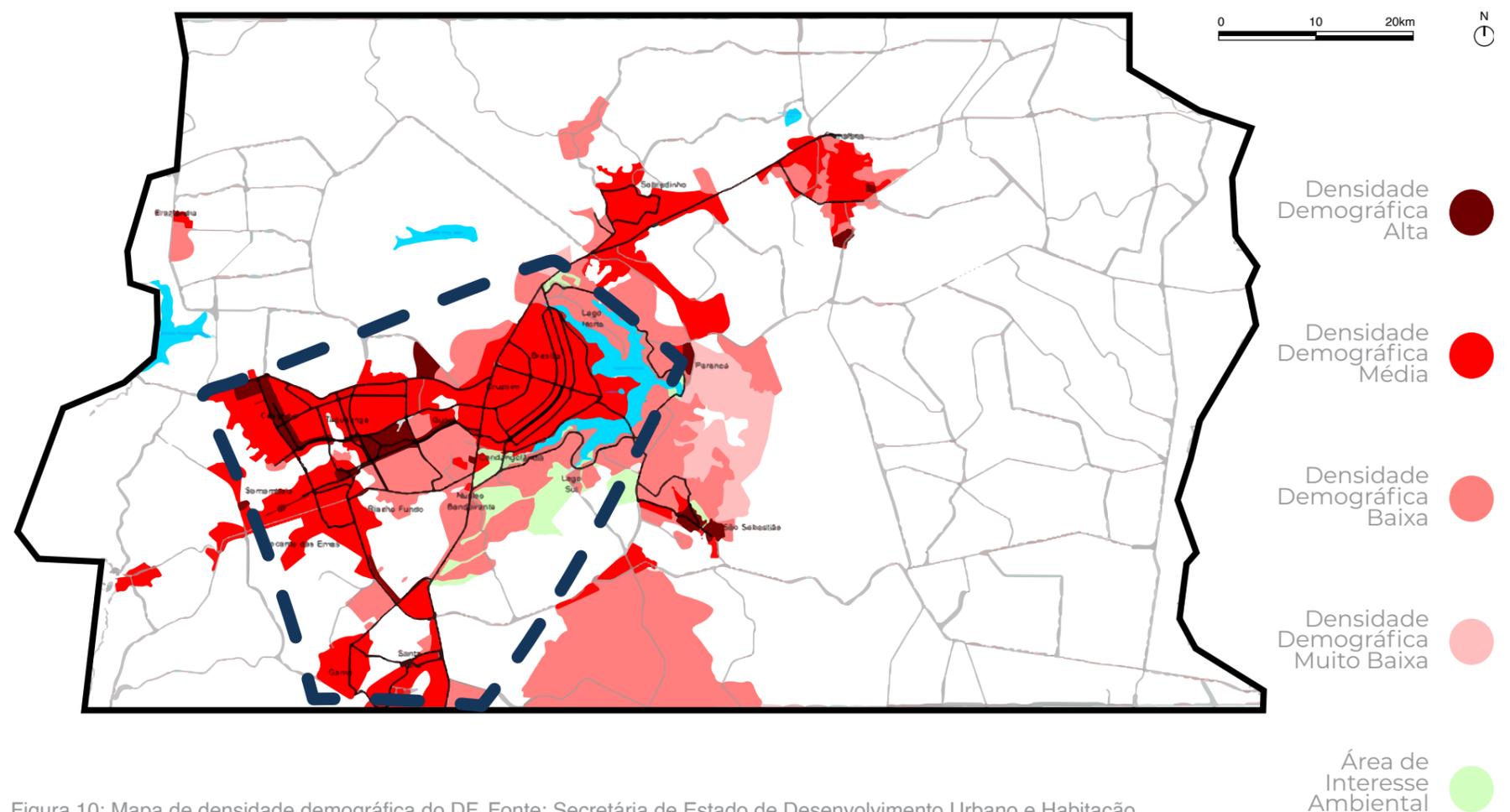
Além do que o relatório afirma, podemos dizer também que a falta de variedade de atividades culturais também pode ser um fator para esses baixos resultados. É notável perceber que a grande maioria das unidades

	Educação	Assistencia	Saúde	Lazer	Cultura
1 Sede Administrativa Sesc-DF	✗	✗	✗	✗	✗
2 Sesc Logística - SIA	✗	✗	✓	✗	✗
3 Sesc Presidente Dutra - Setor Comercial Sul	✓	✓	✓	✓	✓ Biblioteca; Acesso à internet; Balé; Jazz; Dança Contemporânea; Teatro para apresentações artísticas; Foyer para exposições.
4 Sesc Estação 504 Sul	✓	✓	✓	✓	✓ Teatro para apresentações artísticas; Galeria artística para exposições; Aulas de Dança; Dança cigana; Dança de salão; Dançaterapia.
5 Sesc 913 Sul	✓	✓	✓	✗	✓ Canto coral; Dança cigana; Teatro para apresentações artísticas; Espaço para exposição de arte; Dançaterapia; Dança feminina; Dança de salão.
6 Sesc Guará	✓	✗	✓	✓	✓ Axé e outros ritmos; Espaço para Exposições; Apresentações Artísticas e Gibiteca;
7 Sesc Taguatinga Norte	✗	✓	✗	✓	✓ Ballet; Baby class; Jazz; Violão; O Sesc vai as escolas.
8 Edusesc Taguatinga	✓	✓	✗	✗	✓ Rede Edusesc (Centro educativo / escola); Biblioteca (estudantes); Teatro; Sala Multimídia; Exposição de Arte; Oficina de Arte; Acesso à internet (estudantes).
9 Centro de atividades Sesc Ceilândia	✓	✓	✓	✓	✓ Teatro; Camarins coletivos; Camarins individuais; Biblioteca; Baías de estudo individual; Computadores com acesso a internet; Sala de áudio e vídeo; Gibiteca infantil; Sala de estudos; Foyer para exposições.
10 Sesc Taguatinga Sul	✓	✓	✓	✓	✓ Balé; Baby class; Jazz; Dança do ventre; Dança de salão; Projeto A Escola Vai ao Cinema; Apresentações Artísticas; Formação musical em instrumentos de metais e sopro.
11 Edusesc Samambaia	✓	✓	✗	✗	✓ Rede Edusesc (Centro educativo / escola)
12 Centro de atividades Sesc Gama	✓	✓	✓	✓	✓ Gibiteca; Sala de dança; Balé; Baby Class; Jazz; Teatro; Projeto A Escola Vai ao Cinema; Sesc Cine Club; Aulas de violão e violino; Aulas de Teatro

O local escolhido

Com o intuito de ser um local convidativo e de fácil acesso para toda a população do Distrito Federal, o projeto cria a necessidade de se encontrar em uma localização mais democrática, para assim tentar alcançar o maior número de cidadãos possíveis, desde pessoas comuns que queiram começar a experimentar com os diferentes processos de criação, até artistas em situações de trabalho precárias, que necessitam de um espaço adequado para continuar suas produções.

Sendo esse o objetivo, é evidente que o projeto então seja implementado no “centro” do Distrito Federal, e que, em um primeiro pensamento, o Plano Piloto seja este local. No entanto, ao analisarmos o Mapa de Densidade Demográfica⁷ ao lado, percebemos que a maior parte da comunidade do DF mora afastada desse avião considerado como “centro”, e que na verdade o maior índice de densidade populacional da região se encontra mais ao sul do plano piloto, dentro desta área tracejada de azul no mapa.

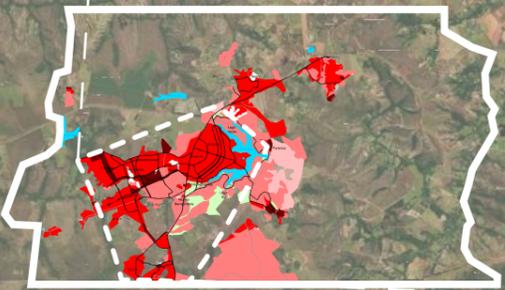


⁷ Mapa de acordo com o PDOT/20102 - Lei Complementar nº 854 de 15 de outubro de 2012

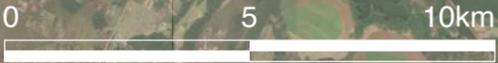
Figura 10: Mapa de densidade demográfica do DF. Fonte: Secretária de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação.



EPNB



Escala 1:150.000





É importante notar que a localização das outras unidades sescs seguem o mesmo princípio para sua localização, todas estão situadas em locais com uma densidade populacional considerável, para tentar atender não só um grande número de pessoas, mas também para agregar ao senso de comunidade de suas regiões populosas.

Porém, com o intuito de receber a população num geral e não só uma comunidade específica, é interessante que o projeto se localize estrategicamente ao centro desta área trapezoidal que abriga a maior concentração populacional do Distrito Federal.

É notável perceber a já existência de uma unidade Sesc nesse local, a qual também conseguiria atender essa necessidade de um espaço melhor localizado para o DF como um todo, no entanto, a programação do Sesc Taguatinga Sul (unidade em questão), conhecida anteriormente como Centro Esportivo Taguatinga Sul,

é amplamente voltada às áreas de lazer e desportiva, mantendo assim a necessidade de um espaço voltado à programação cultural nesta área.

Neste centro, é onde encontramos a EPNB (Estrada Parque Núcleo Bandeirante), uma via arterial muito importante para a locomoção da população, que liga centros urbanos como Ceilândia, Taguatinga, Recanto das Emas e Riacho Fundo à EPIA, uma das principais vias para a circulação e distribuição dentro do DF.

Por ser justamente esse conector importante do sistema viário da região, a EPNB acaba se tornando um local de grande fluxo de carros e principalmente de transportes públicos, logo, a escolha de um terreno tangente à estrada possa ser um grande facilitador a chegada de pessoas vindas de qualquer local do Distrito Federal.

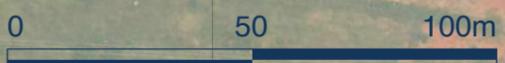
Regiões tangente à EPNB

- 1 Riacho Fundo
- 2 Núcleo Bandeirante
- 3 Taguatinga

É importante ressaltar, no entanto, que a EPNB por ser uma via de trecho duplicado e de fluxo intenso, não é um local agradável e gentil ao pedestre, que só consegue cruzar-la sem correr riscos através de algumas passarelas e uma única faixa de pedestre ao decorrer de seus quase 10km. Por isso, a criação de um local de chegada e cruzamento de pedestres urbanamente mais gentil é um ponto importante a ser considerado na idealização do projeto.



Escala 1: 1.500



Terreno escolhido

5

1

1

2

2

5

2

2

3

4

3

16

O terreno

Tipologia de uso dos terrenos

- 1 Uso comercial
- 2 Uso Misto
- 3 Uso Habitacional
- 4 Uso Institucional
- 5 Área Verde/ Praça

A área escolhida para a implantação do projeto se localiza então na região administrativa do Riacho Fundo. Endereço: RIACHO FUNDO I QN 7 AE 2. O lote se trata na verdade de dois terrenos (registrados no cadastro territorial do DF) que serão unidos para receber o projeto, proporcionando assim uma área total de 9462m².

Segundo a LUOS (Lei de Uso e Ocupação do Solo) os dois terrenos se enquadram na categoria CSIIR, que possibilita a eles usos como o comercial, prestação de

serviços, institucional, industrial e residencial, desde que este não ocorra voltado para o logradouro público no nível de circulação de pedestres. Logo, a execução deste projeto neste local indiciado é permitida, e assim possível.

Finalmente este local foi escolhido não somente por ser tangente a EPNB, exigência já comentada anteriormente que facilita assim o acesso de seu público, mas também por já haver em seus arredores boa infraestrutura, como acessos, comércio e iluminação,



Figura 11: Terreno visto de seu principal acesso. Fonte: Arquivo pessoal.

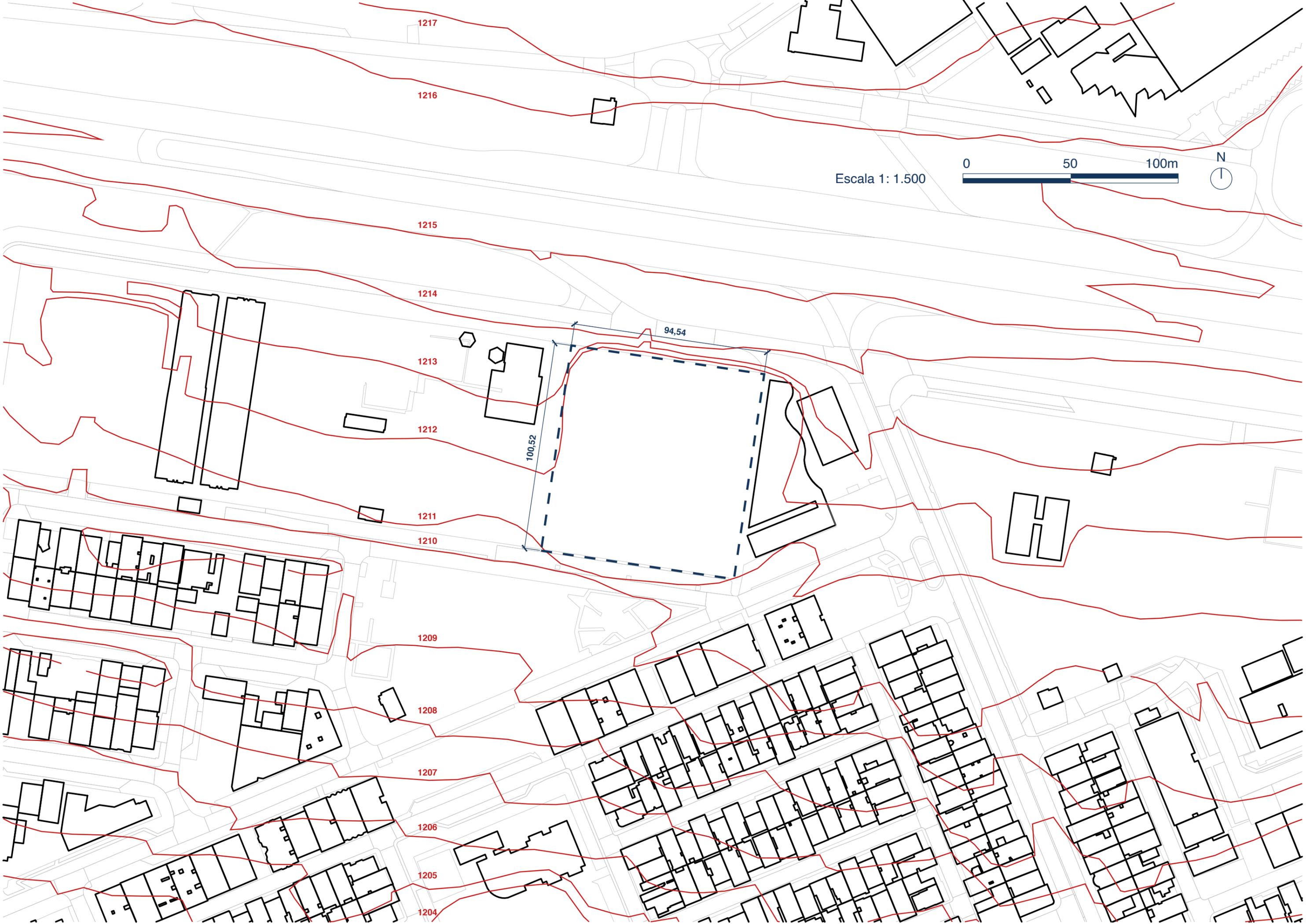
mas principalmente, pela proximidade com a área habitacional do Riacho Fundo.

O Riacho Fundo

O Riacho Fundo como é conhecido hoje surgiu em 1990 a partir do loteamento da Granja Riacho Fundo (já ocupada na época por uma vila residencial), criada logo depois da inauguração de Brasília. Localizado às margens do ribeirão de mesmo nome, seu surgimento como setor habitacional foi feito para realocar moradores de assentamentos irregulares localizados dentro do DF. A cidade também se encontra próxima a uma Área de preservação Ambiental (APA) de grande importância ecológica por justamente conter nela nascentes de diversos córregos, incluindo o do próprio Riacho Fundo.

Com mais de 41.000 habitantes, de acordo com a última atualização da PDAD⁸, o riacho fundo se mostra

⁸ Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios. Atualizada em 2018



1217

1216

1215

1214

1213

1212

1211

1210

1209

1208

1207

1206

1205

1204

Escala 1: 1.500



94,54

100,52

um local mais que adequado para receber esta nova unidade Sesc. Como dito no último tópico, a localização para a implementação do projeto foi estratégica para tentar receber o maior número possível de moradores do DF, mas apesar disso, é importante que ele possa, assim como toda unidade Sesc, ter uma boa conexão com a comunidade do local onde é instalado.

Ainda segundo o PDAD; 70,1% dos respondentes afirmam que possuem parques e jardins em suas proximidades, 69,6% afirmam que possuem quadras esportivas, e 71,2% afirmam que estão próximos a PEC's (Ponto de Encontro Comunitário) - sendo estes todos locais destinados para encontros e socialização da comunidade.

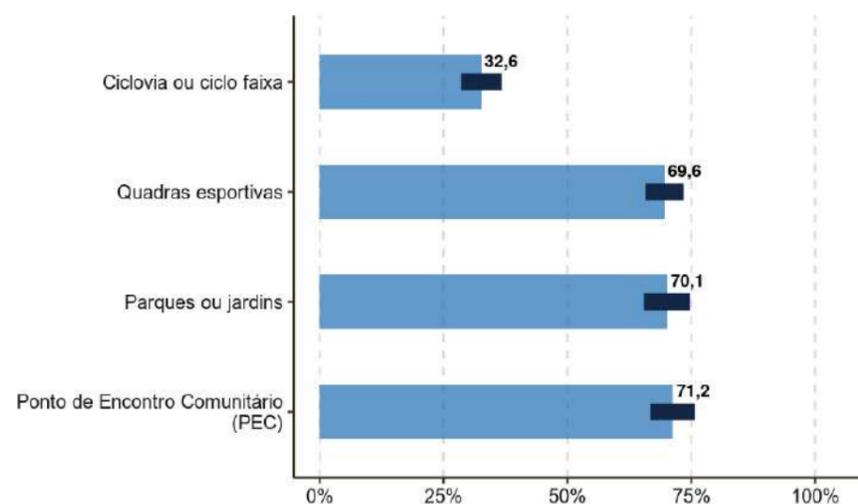


Figura 13: Gráfico de pessoas próximas a equipamentos urbanos. Fonte: Codeplan/ DIEPS/GEREPS/PDAD 2018

Apesar destes possíveis pequenos encontros, falta ainda um equipamento urbano com infraestrutura que ofereça lazer e eventos culturais, onde a comunidade possa ter um local lúdico e prazeroso capaz de receber grandes eventos e assim uma grande quantidade de pessoas.

Deste modo, o Riacho Fundo se mostra um local ainda mais ideal para receber este projeto, que assim como a maioria das unidades do programa Sesc, deve receber

o nome do bairro/localização onde é implementado à fins de criar uma conexão ainda maior com sua comunidade, logo, daremos o nome do projeto de **SESC RIACHO FUNDO.**



Figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17: Terreno e seus arredores. Fonte: Arquivo pessoal.

Diretrizes de Projeto



Planejamento

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, percebemos que o intuito do projeto Sesc Riacho Fundo é ser um condensador social, que promova momentos de socialização de qualidade para toda a população do DF através do incentivo à prática artística. E não somente isso, mas que seja também um refúgio para qualquer artista/criador que se encontre em situações de trabalho precarizadas pela falta de incentivo, espaço ou ferramentas adequadas.

Com isto em mente, para que o projeto alcance este objetivo, a escolha do local para sua implantação foi realizada de acordo com o que permitiria maior acessibilidade para a toda população do DF, que atualmente enfrenta uma falta de espaços públicos destinados para a produção cultural, ou com a concentração dos existentes em locais específicos.

A programação do Sesc Riacho Fundo será então voltada principalmente à produção cultural visual e ao lazer da comunidade, por isso, diferentemente como é de costume, ela não precisará de um programa desportivo como as outras unidades, pois este já é bem

atendido pela unidade de Taguatinga Sul, situada a menos de 3 quilômetros de sua localização.

Sendo a produção cultural o foco do projeto, as áreas mais importantes a serem desenvolvidas serão os locais destinados para estes processos criativos; **os ateliês**. Eles serão o foco principal do projeto, e nortearão o planejamento de todo o complexo.

Por isso, é necessário compreender quais as necessidades de cada uma das diversas atividades que o projeto quer proporcionar através destes espaços, e quais são suas demandas e consequências dentro de um espaço que tentará atender, ao mesmo tempo, demandas e necessidades diferentes para espaços também diferentes entre uns e outros.



Figuras 18 e 19: Ateliê de maquete Fau-Unb. Fonte: Arquivo pessoal.

O projeto então quer apresentar 8 tipos diferentes de ateliês, destinados e equipados cada um à uma prática artística diferente, sendo elas:

- 1 Artes e produções digitais;
- 2 Cerâmica;
- 3 Costura;
- 4 Fotografia;
- 5 Marcenaria;
- 6 Pintura e desenho;
- 7 Serigrafia;
- 8 Serralheria.

Apesar do foco na produção destes ateliês, o projeto conta também com um plano de necessidades complementar que não só atende suas várias demandas que acontecem externas a seus espaços como salas de aula e de exposição, auditório para exposições, depósitos e ambulatório (pois as chances de acidentes existem dentro de alguns destes ateliês), mas também necessidades de lazer do público geral, que poderá utilizar o Sesc riacho fundo como um local de encontro através de jardins, praças e espaços destinados para o convívio.

Estas são algumas diretrizes acarretadas pelo próprio plano do projeto, mas além delas, a LUOS⁹ exige que o projeto siga algumas exigências de acordo com o tipo de uso e do terreno escolhido.

Programa de necessidades

- Administração;
- Área para funcionários;
- WC / vestiários;
- Depósitos;
- Rua de Serviços
- Área para carga e descarga;
- Estacionamento público;
- Ambulatório
- Lanchonete / café;
- Áreas de convivência / Jardim;
- Local para exposições;
- Auditório (com palco, foyer e cabine de projeção)
- Salas de aula;
- Ateliês para estudo / usos diversos
- Ateliê de Artes e produções digitais;
- Ateliê de Cerâmica;
- Ateliê de Costura;
- Ateliê de Fotografia;
- Ateliê de Marcenaria;
- Ateliê de Pintura e desenho;
- Ateliê de Serigrafia;
- Ateliê de Serralheria.

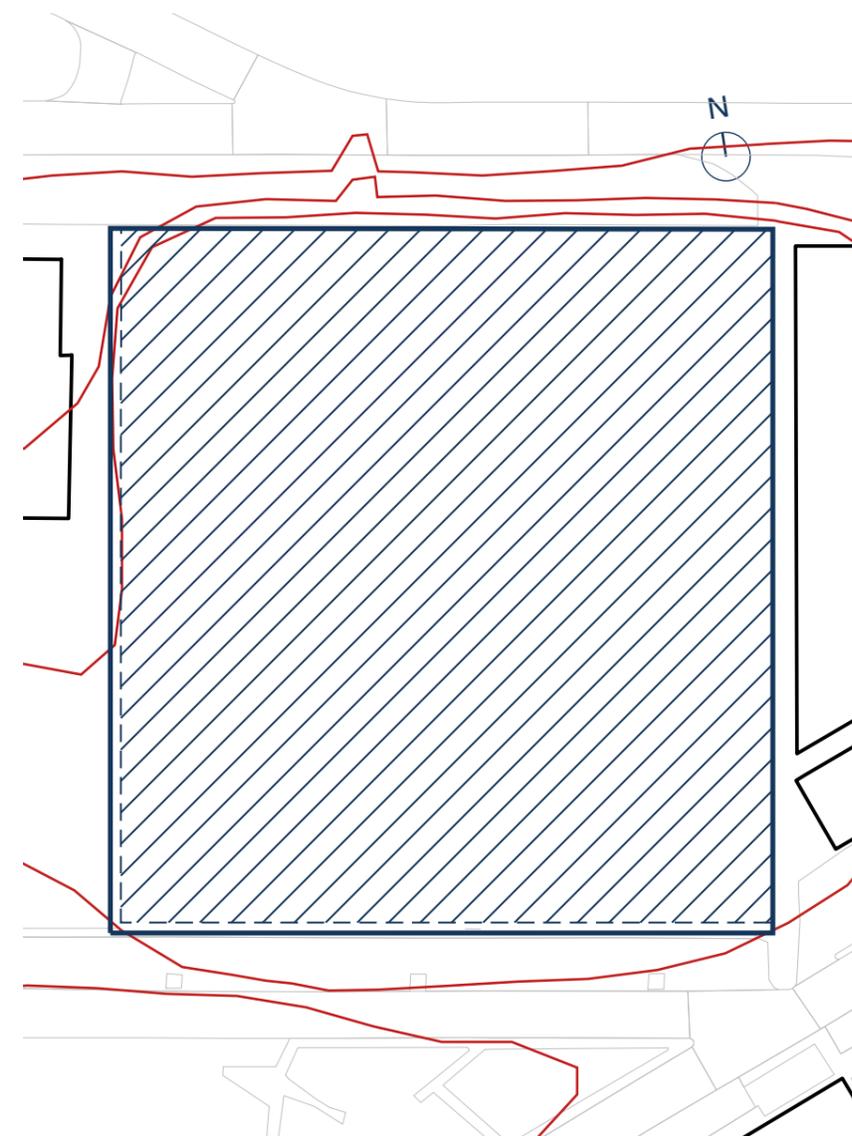


Figura 21: Informações do terreno de acordo com a LUOS. Escala 1:1000

Parametros para construção

- Recuo obrigatorio
- /// Local permitido para edificação
- Cota de soleira: Ponto médio da edificação
- Altura máxima: 15,50 m
- Subsolo: Permitido-tipo 2
- Tx ocup(%): 60% (sem cobertura)
- CFA básico: 2 (sem cobertura)
- CFA máximo: 2,4 (sem cobertura)

⁹ Lei de Uso e Ocupação do Solo. Lei complementar nº 948, de 16 de janeiro de 2019

Plantas iniciais

Ao invés do desenvolvimento deste projeto começar através de um traçado ou volumetria dentro do terreno, ele partirá primeiramente pela criação de plantas iniciais dos ateliês para o melhor entendimento do funcionamento e necessidades de cada uma das práticas listadas. O planejamento do Sesc Riacho Fundo então começará de dentro para fora.



Figuras 20: Depósito de telas de serigrafia - UnB. Fonte: Arquivo pessoal.

Lista de necessidades de acordo com cada ateliê.

Artes e produções digitais;

Laboratório de computadores com diversos softwares já instalados, mesas digitalizadoras, mesas de edição de vídeo, Pequena gráfica para impressão de papel e 3d.

Cerâmica;

Depósito para material; Prateleiras de secagem e depósito de obras; Material e tornos para modelagem; Fornos para cerâmica; Área molhada; Vestiário para troca de roupa.

Costura;

Bancadas compridas para medição, desenho e corte; Máquinas de costura; Manequins e modelos; Vestiários para provas; Depósito para material e ferramentas.

Fotografia;

Salas escuras com iluminação de segurança tanto individuais quanto coletivas; Mesas compridas;

Amplidores; Depósito para químicos; Laboratório com computadores para fotografias digitais.

Marcenaria e Serralheria;

Local afastado por conta do barulho excessivo; Grande área livre para trabalho de peças maiores, Maquinário móvel; Mesas grandes; Depósito de material e de ferramentas; Vestiário para troca de roupa e aplicação de EPI; Pé direito alto e aberturas para ventilação.

Serigrafia.

Mesas grandes; Depósito telas, químicos e tintas diversas; Ambiente escuro para mesas de gravação; Material e suporte para gravação; Área molhada; Vestiário para troca de roupa.

Pintura e desenho;

Mesas grandes; Depósito para material e obras; Vestiário para artistas e para modelos vivos; Área Molhada, boa iluminação natural; Vestiário para troca de roupa.

Essas plantas, por já possuírem metragem e configurações adequadas para cada um de seus tipos de uso, servirão como um ponto de partida inicial para o desenvolvimento das plantas e espaços, tanto internos quanto externos, reais do projeto.

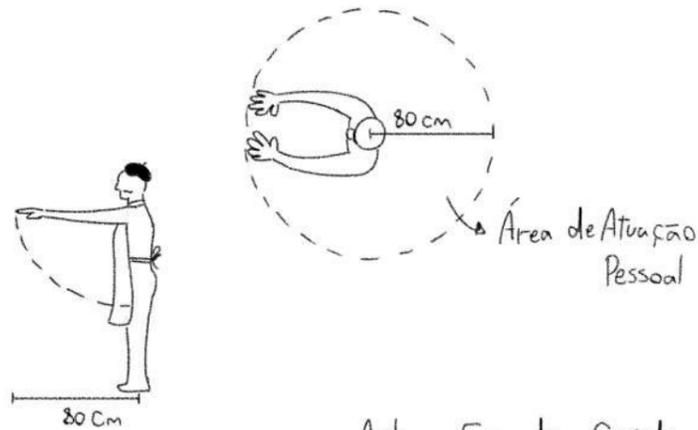
Durante o desenvolvimento dessa plantas base, os esquemas ilustrados do livro Arte de Projetar Arquitetura, de Ernst Neufert, foram de grande ajuda para entender melhor não só alguns destes espaços, como a serralheria e marcenaria, mas também alguns

afastamentos de bancadas e locais de trabalho através da delimitação de uma área de atuação pessoal, uma circunferência imaginária de raio aproximado de 80 cm onde o criador se movimenta e manuseia ferramentas para seu ato criativo. Apesar de muitas vezes a produção cultural ser feita através do contato e da troca com outras pessoas, que acabam invadindo esse nosso espaço de atuação, é importante que estes espaços pessoais não entrem tanto em conflito dentro do planejamento do espaço para que ele não se torne menor do que o de fato necessário.

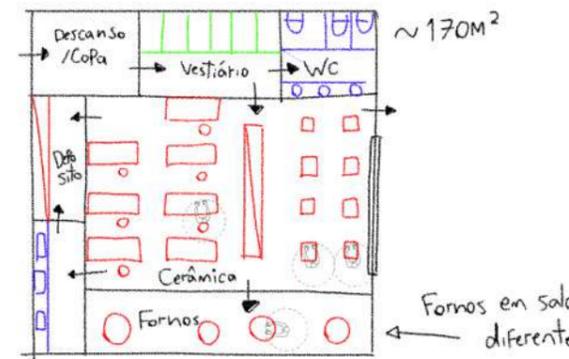
A separação assim como a interação entre eles também é algo importante a ser considerado. Da mesma maneira que é importante separar atividades que necessitam de um local mais calmo e silencioso de outras que, por exemplo, operam qualquer tipo de maquinário que produza barulho excessivo, é importante também proporcionar uma conexão entre alguns deles, como demonstrada nas plantas da marcenaria e serralheria. A interdisciplinaridade e a troca de informações e ideias podem contribuir para o ato criativo de qualquer pessoa dentro destes ateliês.

Escala 1:150

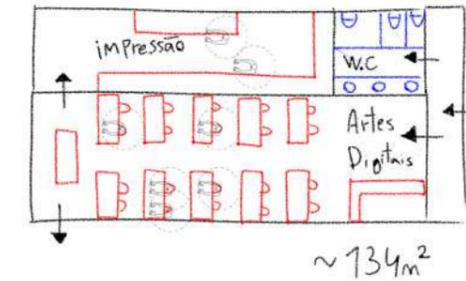
- Entradas e Acessos
- Divisórias
- Moveis, Mesas e Bancadas
- Áreas e Bancadas Molhadas
- Vestiários
- //// Áreas Escuras
- ↔ Acesso de Veículos



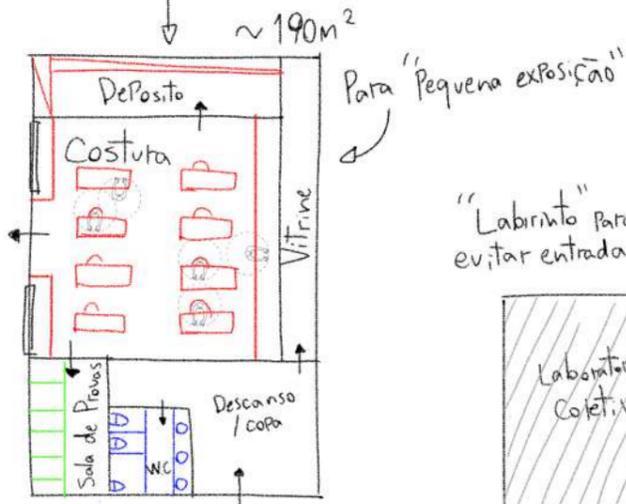
Área de Atuação Pessoal



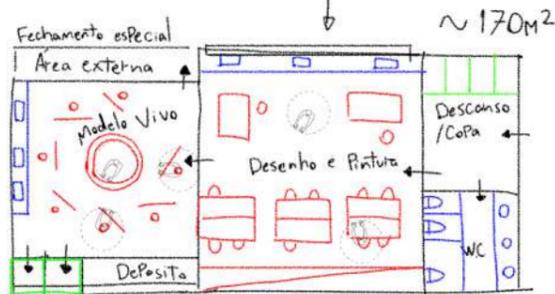
Fornos em sala diferente



Principalmente para Robôs de tecido

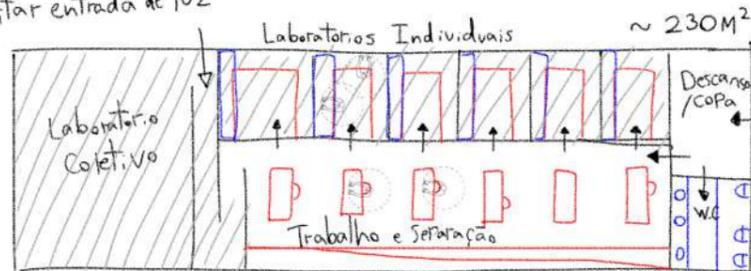


Para "pequena exposição"

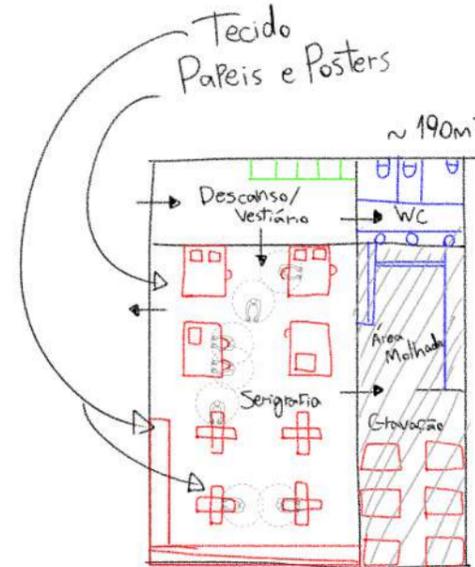


Aplicar Esquadria Grande Para iluminação

"Labirinto" para evitar entrada de luz

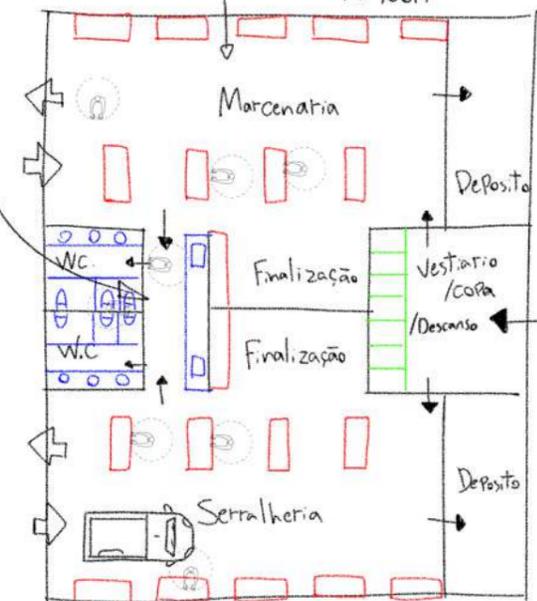


Mesas Para Gravação

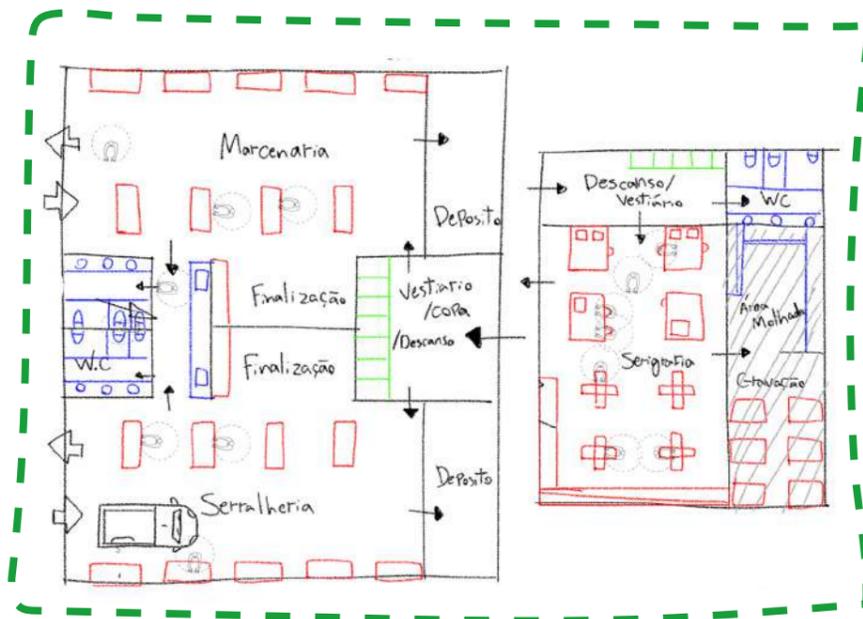


Área Molhada Compartilhada

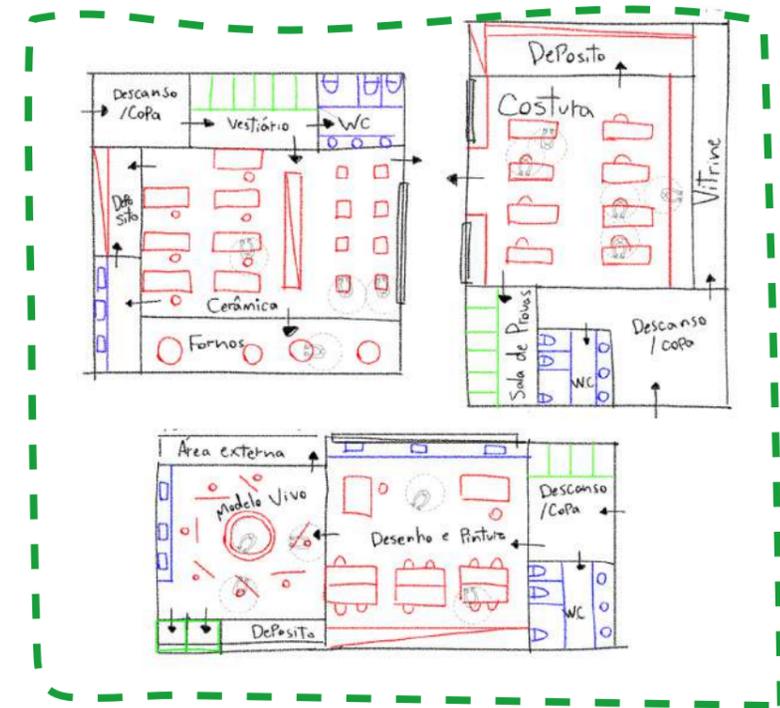
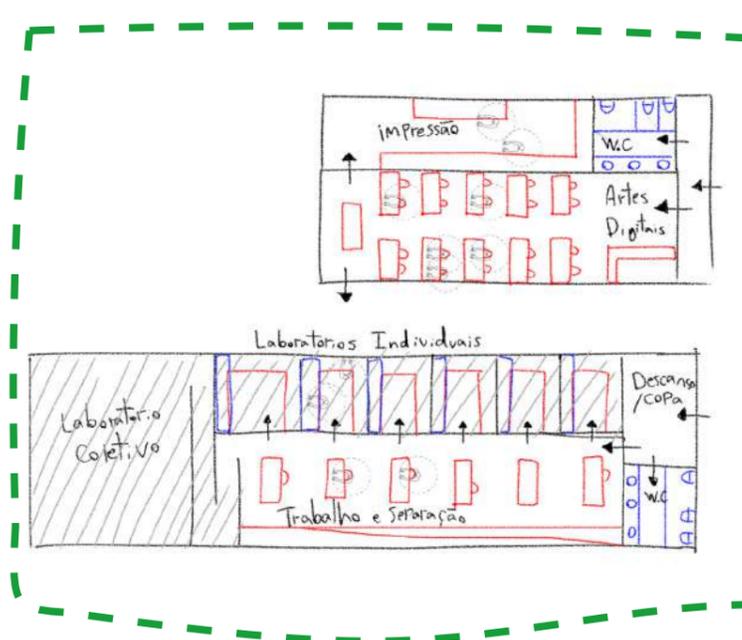
Planta mais livre para trabalho e pé direito Alto



Bloco Fábrica



Bloco de Mídias



Bloco de Processos Manuais

Com a necessidade de interação e separação em mente, é importante então categorizar estes ateliês, assim como outros espaços importantes do resto do programa de necessidades do projeto, em grupos específicos, deste modo juntando ateliês que podem se beneficiar da conexão com outros dentro do próprio grupo, e facilitando a implantação deles dentro do terreno.

Bloco de Exibição

Espaço destinado principalmente para o auditório e suas demandas (como palco, foyer e cabine de projeção). O bloco se localiza na entrada do terreno pelo lado da EPNB para receber logo de início toda a população que visitará o complexo por conta de suas apresentações, exposições e exposições. Este espaço também possuirá um local de estar para a população visitante poder esperar e ser recebida.

Bloco de Mídias:

Junção dos ateliês de Arte e produções digitais,

Fotografia e de estudo/ usos diversos. Como dito, estes blocos foram organizados a partir do grau de conexão entre os ateliês que eles abrigam, que nesse caso se dá por conta da produção de mídias (fotos, imagens, vídeos e filmes) tanto analógicas quanto digitais, e pela forte necessidade de espaços com a presença de computadores e máquinas de audiovisual/exibição. Por isso, torna-se interessante a proximidade deste bloco ao de exibição por conta do auditório e de sua sala de projeção.

Bloco Administrativo / Expositivo

Bloco para trabalho administrativo, espaço para funcionários e recepção do público que visitará o complexo e o espaço de exposições.

Bloco Fábrica

Junção dos ateliês de marcenaria, serigrafia e serralheria. Ateliês unidos principalmente por conta do barulho excessivo que produzem e da semelhança de sua produção artística com processos fabris.

Bloco de Processos Manuais.

Junção dos ateliês de cerâmica, costura e pintura/desenho. Todos estes ateliês, além de serem processos mais manuais, precisam de uma boa iluminação natural e de distancia do bloco fábrica por poderem se beneficiar do silêncio.

Ambulatório.

Se faz muito necessária a proximidade deste espaço com a Fábrica, por conter ateliês que manuseiam maquinário perigoso e assim possuir o maior risco de acidentes.

Cantina e cafeteria.

É interessante que este bloco se localize mais perto da comunidade do Riacho Fundo, que certamente será o público principal de seus serviços.

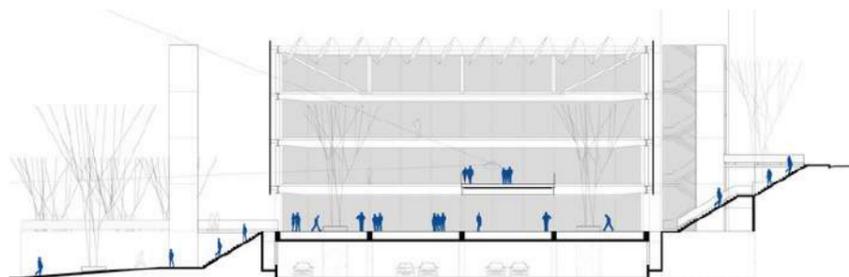
A implantação

Com a divisão dos ateliês em grupos, falta agora um planejamento de fluxo dentro do espaço do terreno. Como já exemplificado, o local se conecta com o resto do Distrito Federal a partir da fachada norte do terreno (via EPNB) e com a região administrativa do Riacho Fundo pela fachada sul. O projeto pode se tornar por ocorrência um grande conector entre os dois, que pode facilitar o acesso dos moradores de sua região à EPNB, um ponto positivo para o projeto já que segundo a PDAD, 40,3% da população depende do transporte público e logo assim do acesso à EPNB.

O Sesc Limeira e a praça do Shopping Matarazzo

A nova sede do Sesc Limeira (ainda a ser finalizada) em São Paulo, de autoria do Grupo SP, JPG. ARQ e Pedro Mendes da Rocha, se encontra em uma situação muito parecida. O projeto ajudará a conectar o bairro residencial Jardim Anhanguera à via de trânsito Luís Vargas, que também se encontra em uma cota de nível acima do setor habitacional. Sua solução espacial através de largas escadas e respiros aparenta ser uma

ótima solução para o pedestre, logo se torna uma boa referência para este projeto.

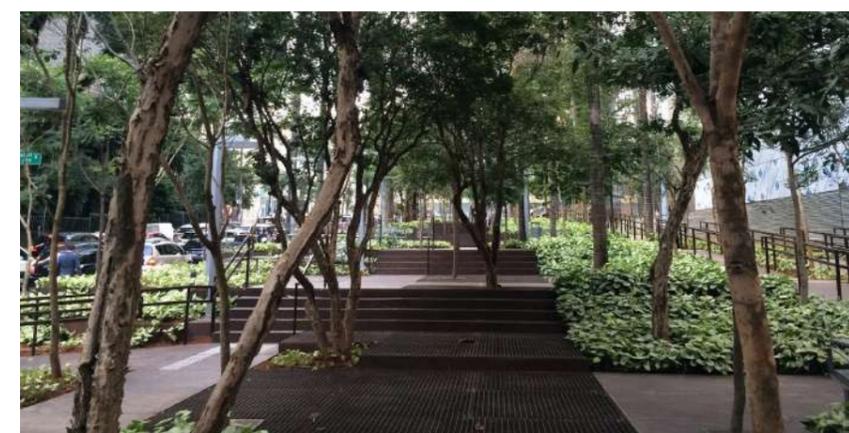


Figuras 21: Cortes do Projeto. Fonte: Grupo SP, JPG.ARQ e Pedro Mendes da Rocha.

A praça do shopping Matarazzo, também em São Paulo, soluciona a diferença de níveis de forma semelhante, mas de maneira ainda mais suave. Além disso, a materialidade do seu piso, grelhas metálicas, além de permitirem uma melhor infiltração de água no solo também se tornam um ótimo indicativo de caminho a ser seguido dentro do terreno. Trazer então estas soluções tanto de fluxo quanto de materialidade para este caminho entre o Riacho Fundo e a EPNB se fazem interessantes.



Figuras 22: Imagem produzida do Sesc Limeira. Fonte: Cortesia Sesc



Figuras 23: Praça do shopping Matarazzo. Fonte:

Extensão da calçada

Bloco Administrativo/
Expositivo

Bloco de exibição

Bloco Fábrica

Bloco de Mídias

Caminho para pedestres

Próximo

Ambulatório

Afastado

Rua de Serviços/
estacionamento

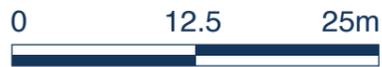
Cantina/
Café

Bloco de Processos
Manuais

Próximo

Riacho Fundo

Escala 1: 500



Referências projetuais

Com blocos pensados de maneira separada e agora diagramados dentro de um espaço previamente vazio, o projeto encontra agora um problema de dispersão e falta de unidade no grande terreno, logo, se torna necessário uma solução projetual que tente amarrar todos esses diferentes espaços e que possa trazer um sentido de unidade e conexão entre todas as partes do Projeto.

Très Grande Bibliothèque e a Miateca de Sendai.

Os projetos da Très Grande Bibliothèque¹⁰ e da Miateca de Sendai, respectivamente de autoria de Rem Koolhaas, Toyo Ito e suas equipes, são excelentes referências para a solução deste projeto.

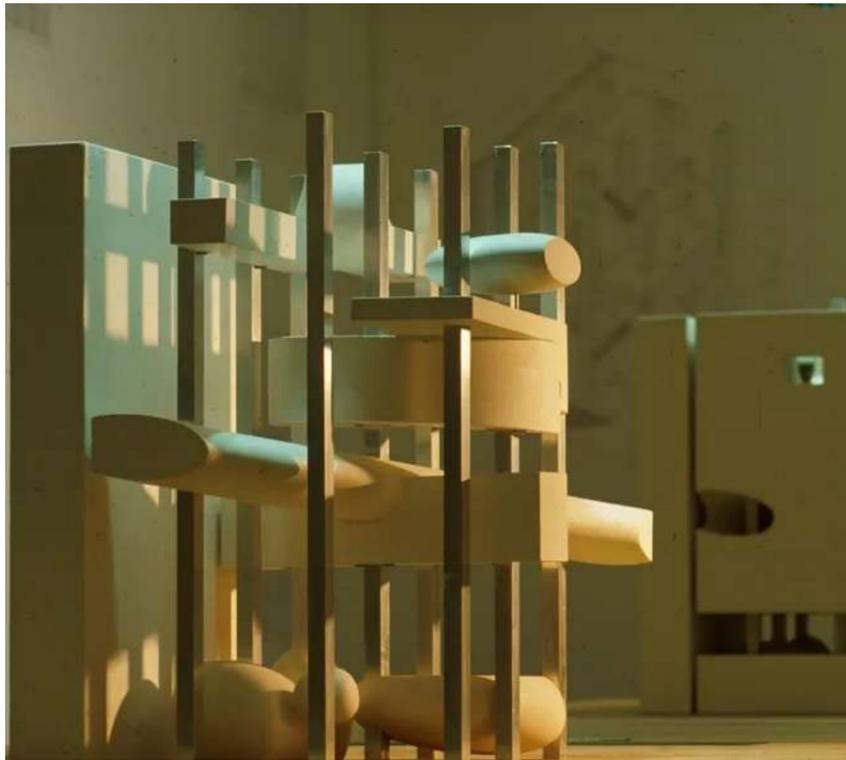
Os dois projetos, de maneira resumida, consistem em uma grande estrutura que serve de invólucro para os programas que acontecem de forma independente dentro de seu abrigo.

No caso da biblioteca de Koolhaas, várias pequenas bibliotecas e espaços sociais se materializam através do negativo (espaço vazio) que criam dentro de uma enorme estrutura sólida. Esta estrutura em forma de cubo representa um gigantesco bloco de informação, e os vazios que criamos através desses espaços e pequenas bibliotecas, o nosso consumo desta enorme fonte de dados.



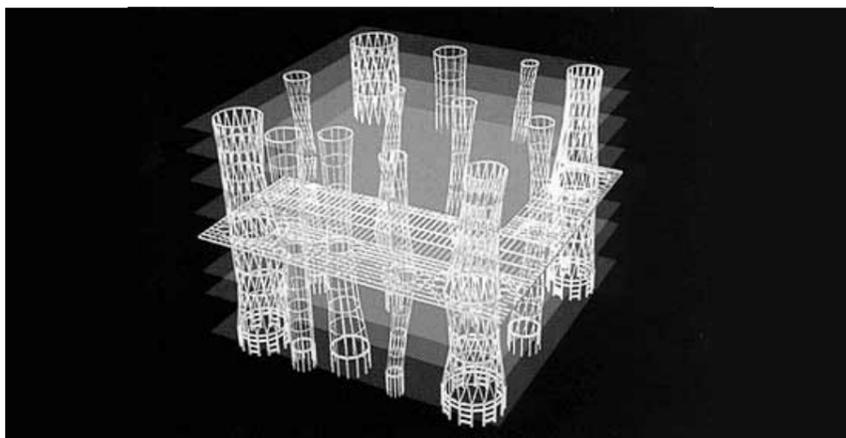
Figuras 22 e 23: Maquetes da Biblioteca. Fonte: OMA OFFICE WORK

¹⁰ Menção Honrosa no concurso para a construção de uma nova biblioteca nacional na França. Tradução Literal : Biblioteca Muito Grande.



Figuras 24: Maquetes esquemática da área inteira da biblioteca. Fonte: OMA OFFICE WORK

A midiateca de Sendai possui uma proposta projetual similar, uma grande edificação com vários tubos verticais, feitos em estruturas de ferro e vidro, que sustentam e criam negativos dentro do espaço do edifício de 7 andares, no entanto, estes tubos além de sua função estrutural também funcionam como entradas de luz, transporte de ar e água, e no caso dos maiores, circulação vertical de pessoas.



Figuras 25: Estrutura da Midiateca. Fonte: Toyo Ito

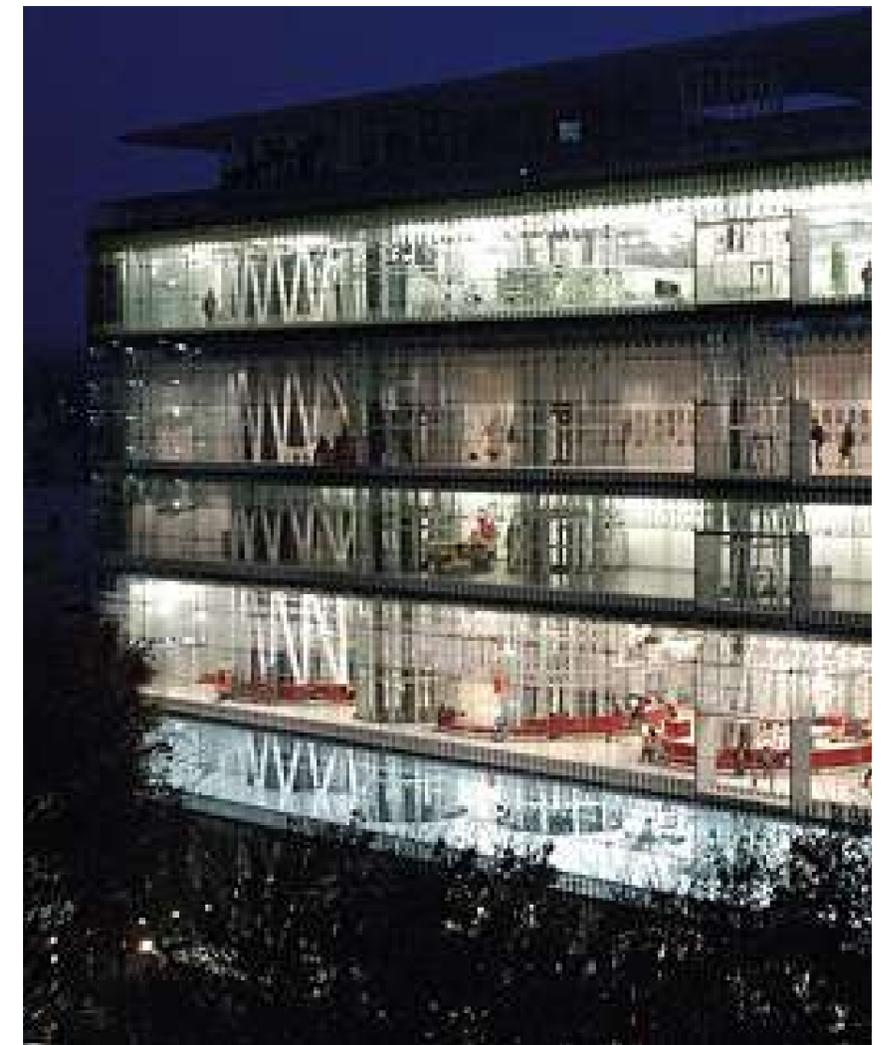
A vida na midiateca acontece em seus 7 andares de planta livre, cada um deles independente da estrutura e com um programa diferente um dos outros.



Figuras 26: A Midiateca de Sendai. Fonte: David Zaibin



Figuras 27: A Midiateca de Sendai. Fonte: Flickr Ysris



Figuras 28 e 29: A Midiateca de Sendai. Fonte: David Zaibin

Arquitetura



O partido

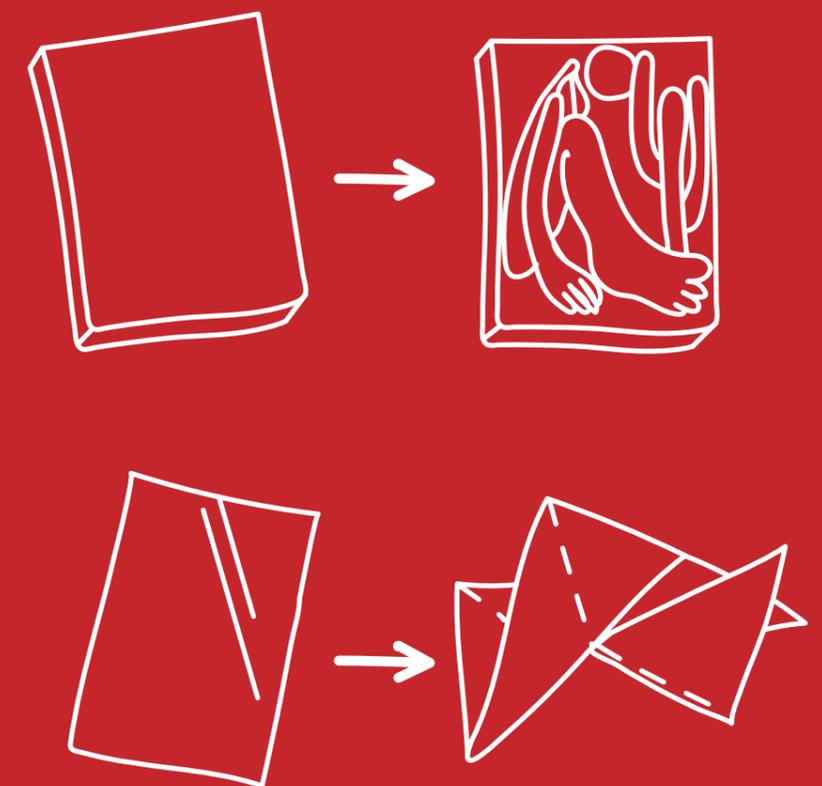
Como já demonstrado neste trabalho, o projeto do Sesc Riacho Fundo não partiu de um traçado regulador ou de uma volumetria aplicada e desenvolvida no terreno. Ele tem seu partido pela criação de plantas iniciais dos ateliês para melhor entendê-los, já que cada um deles possui necessidades diferentes e específicas entre si. Com isso temos um projeto que começa a crescer de dentro para fora, já que estas plantas, apesar de estarem sujeitas a mudanças ao decorrer de seu planejamento, não foram submetidas a espaços já pré definidos.

Esse tipo de partido, no entanto, pode acarretar em uma falta de expressão arquitetônica ao se tratar da volumetria do projeto. Ao render sua forma a um tipo de planejamento/funcionalidade interna feita previamente, o projeto se encontra com certas dificuldades em elaborar uma volumetria que fosse esteticamente interessante e convidativa ao público externo.

A falta de uma forma arquitetônica bastante expressiva, no entanto, pode se tornar um grande partido para a definição deste trabalho. A produção

visual e o direito da comunidade ao ato criativo foram temas bastante abordados ao decorrer deste caderno, por isso, transformar esses conceitos em forma arquitetônica é uma grande resolução para a espacialização do projeto.

Podemos ver essa ideia sendo aplicada de certa forma nas referências projetuais já mostradas. Tanto a biblioteca de Rem Koolhaas quanto a Mediateca de Toyo Ito possuem formas arquitetônicas e estruturais muito interessantes e expressivas em suas áreas internas, no entanto, um pedestre desatento ao olhá-las rapidamente pelo lado de fora as assemelharia a qualquer outro edifício comum de formato retangular. Esse tipo de “surpresa” arquitetônica, um edifício aparentemente simples que se transforma ao ser adentrado é uma solução interessante para concretização da ideia do “ato criativo”, a transformação de algo simples/matéria prima em expressão artística.



O projeto

Através deste partido, o projeto toma forma. O problema da falta de unidade citado anteriormente é resolvido através de uma grande cobertura de treliças sobre a área construída do projeto. Essa estrutura metálica, utilizada para tentar vencer principalmente o grande vão formado pela área de passeio do pedestre, dá ao projeto uma característica de galpão ou até mesmo de produção fabril (de certa forma coerente com as atividades que acontecem no interior do projeto).

Esta característica no entanto é de maneira quebrada pelas curvas da estrutura treliçada, as quais remetem ao ambiente “interno” do projeto, escondido de olhares vindos de fora da fachada tangente à EPNB por causa de suas paredes brancas, que parecem involucrar todo o projeto em um caixote de tampo curvo, salvo uma grande entrada no meio da fachada.

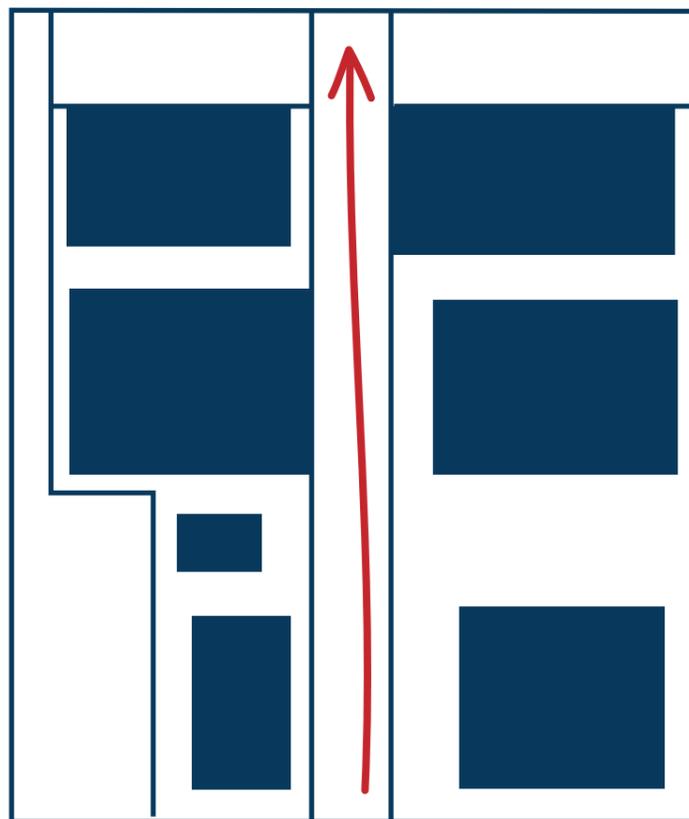




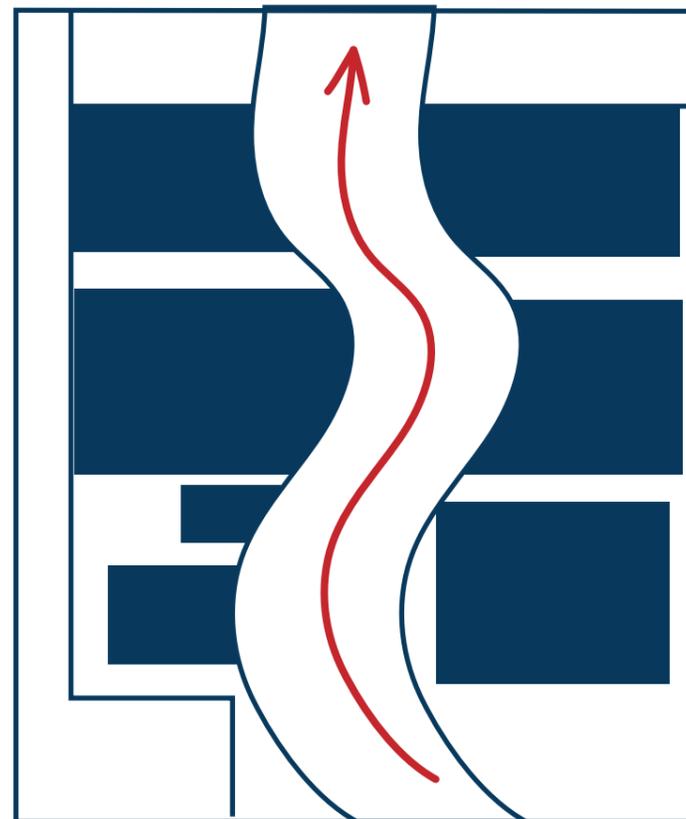


Internamente, este ambiente que de fora aparenta ser fechado e escuro, na verdade se mostra um espaço aberto e mais expressivo do que o esperado. O caminho dedicado ao passeio de pedestres que liga a população do Riacho Fundo à EPNB é tensionado e moldado de maneira mais curva. Além disso, o espaço se torna um ambiente mais iluminado e aberto através da ajuda de um grande rasgo nas telhas metálicas que cobrem a estrutura, unido a falta de um fechamento opaco na fachada sul.

O contraste da relação de fechamento entre a fachada norte (voltada à EPNB) e a fachada a sul (voltada ao Riacho Fundo) é intencional. A “surpresa” que a fachada norte proporciona não é tão interessante para a população do Riacho Fundo que já mora e convive bem próxima ao projeto, e que por isso já deve usufruir e utilizar suas dependências bem mais do resto da comunidade do DF.



Implantação Inicial

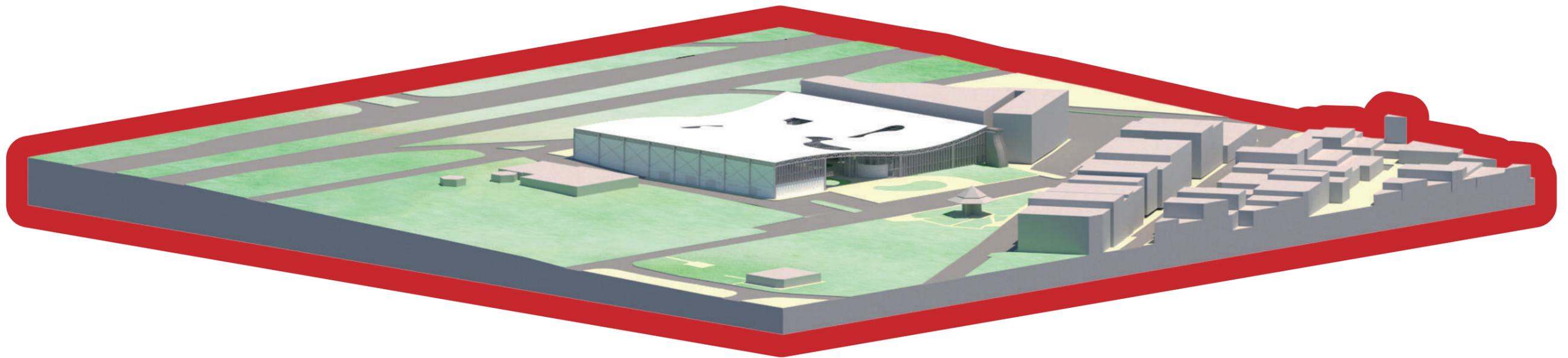
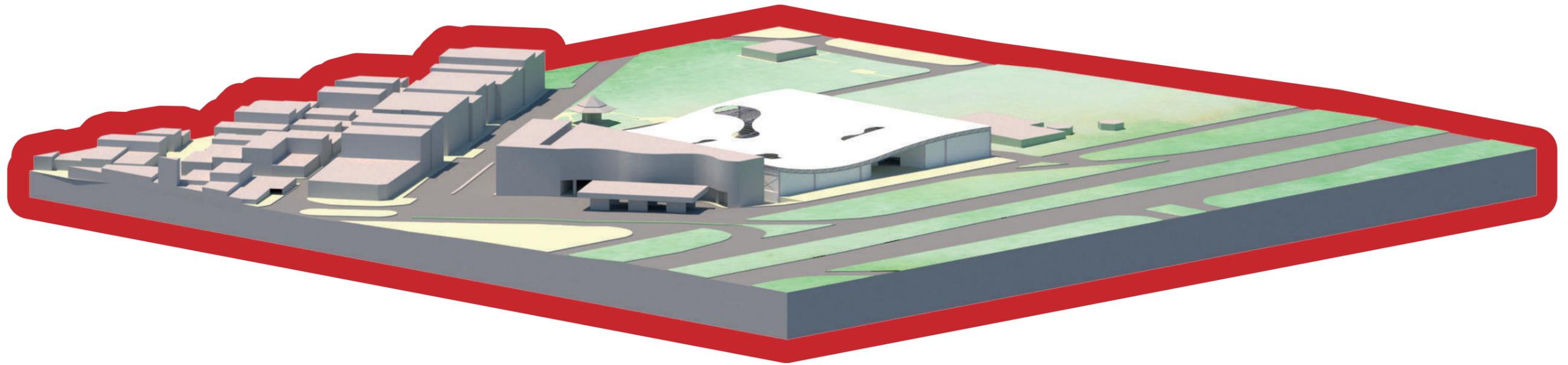


Desenvolvimento

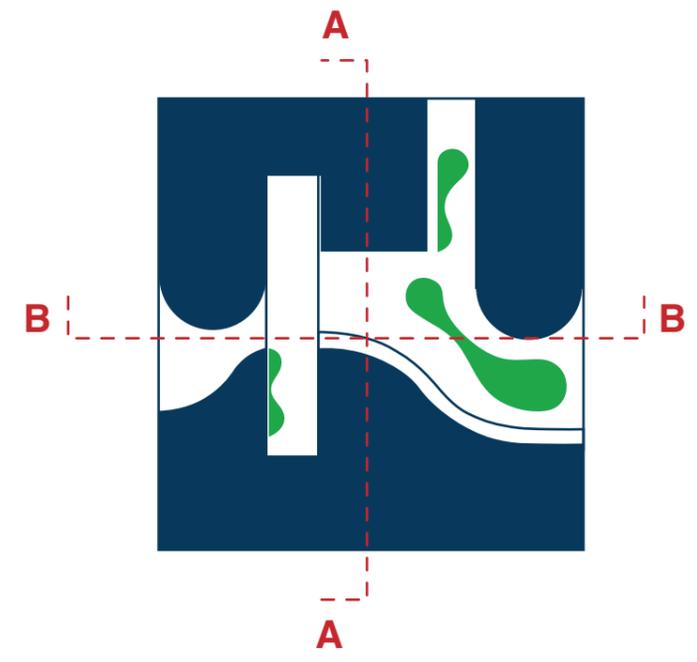


implantação Final

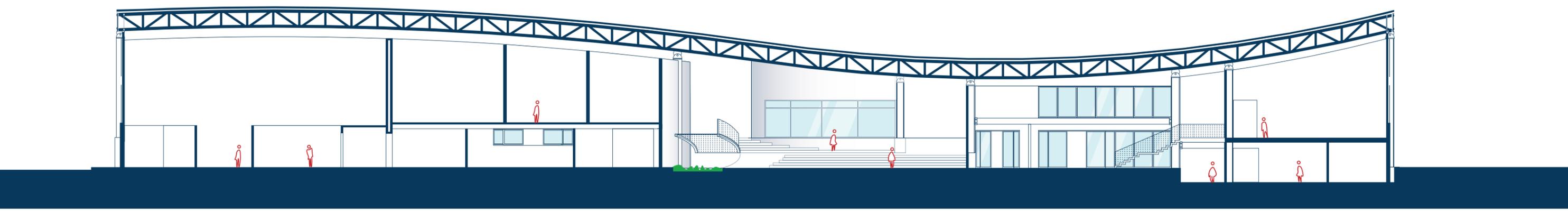




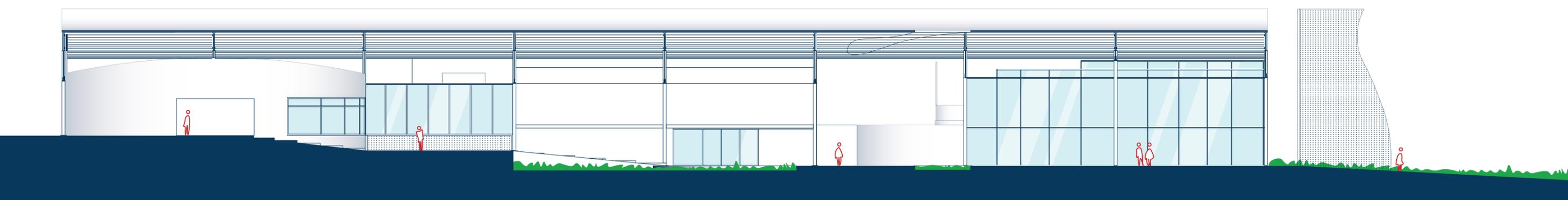
Escala 1: 250



Corte AA



Corte BB

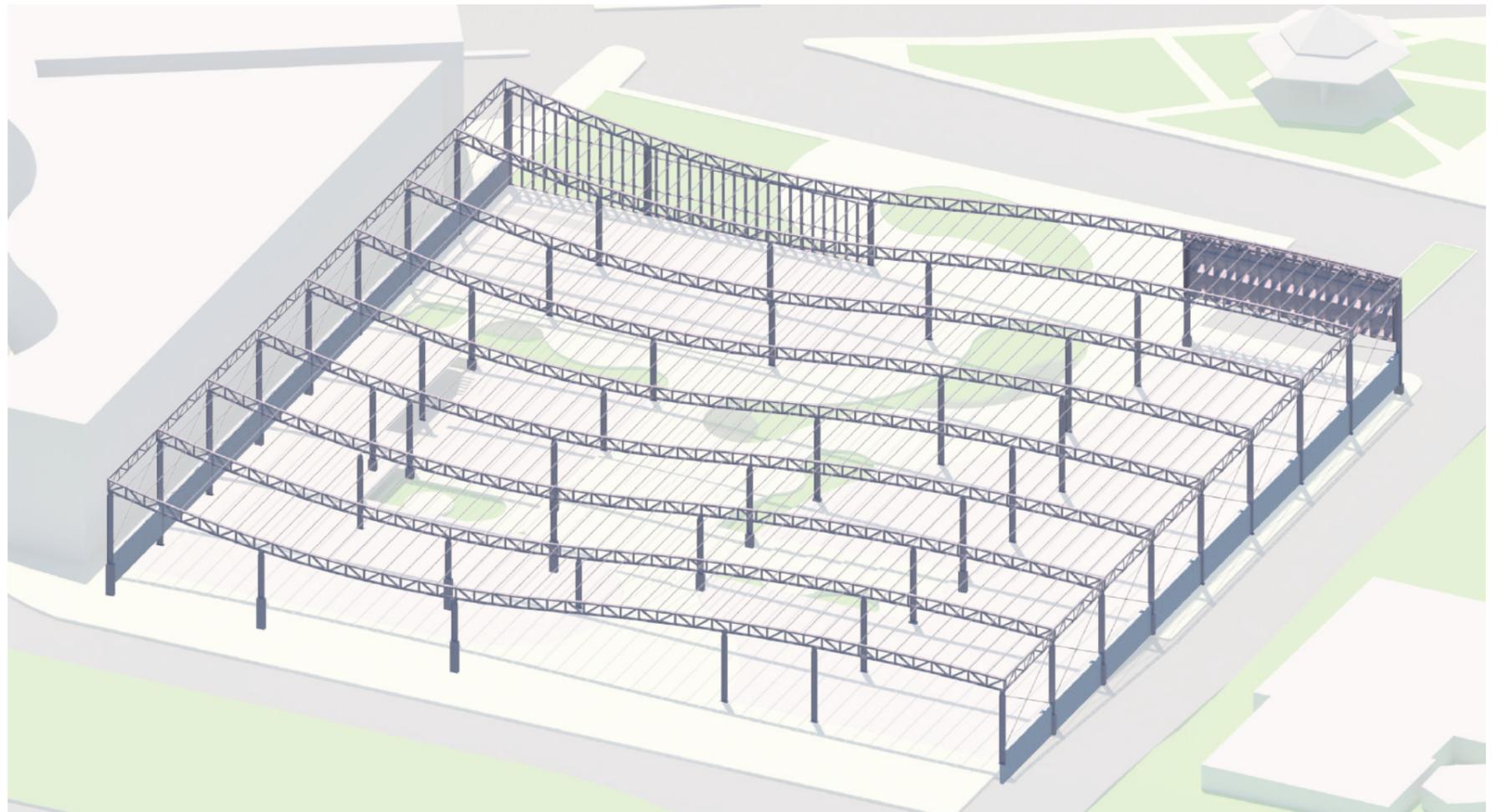


A estrutura

São utilizados dois tipos de estruturas distintas. A primeira, e mais notável, é a estrutura de aço, composta por pilares, tirantes, conexões e treliças metálicas que encobrem todo o projeto. A segunda é a estrutura de concreto para o erguimento dos blocos situados logo abaixo dela. Em comparação, a estrutura da cobertura e a dos blocos atuam de forma diferente. Enquanto a primeira permite um certo tipo de movimentação e dinâmica em suas conexões, principalmente por conta das treliças, a segunda exige muito mais rigidez. Por isso, a separação das duas se torna necessária em alguns pontos importantes

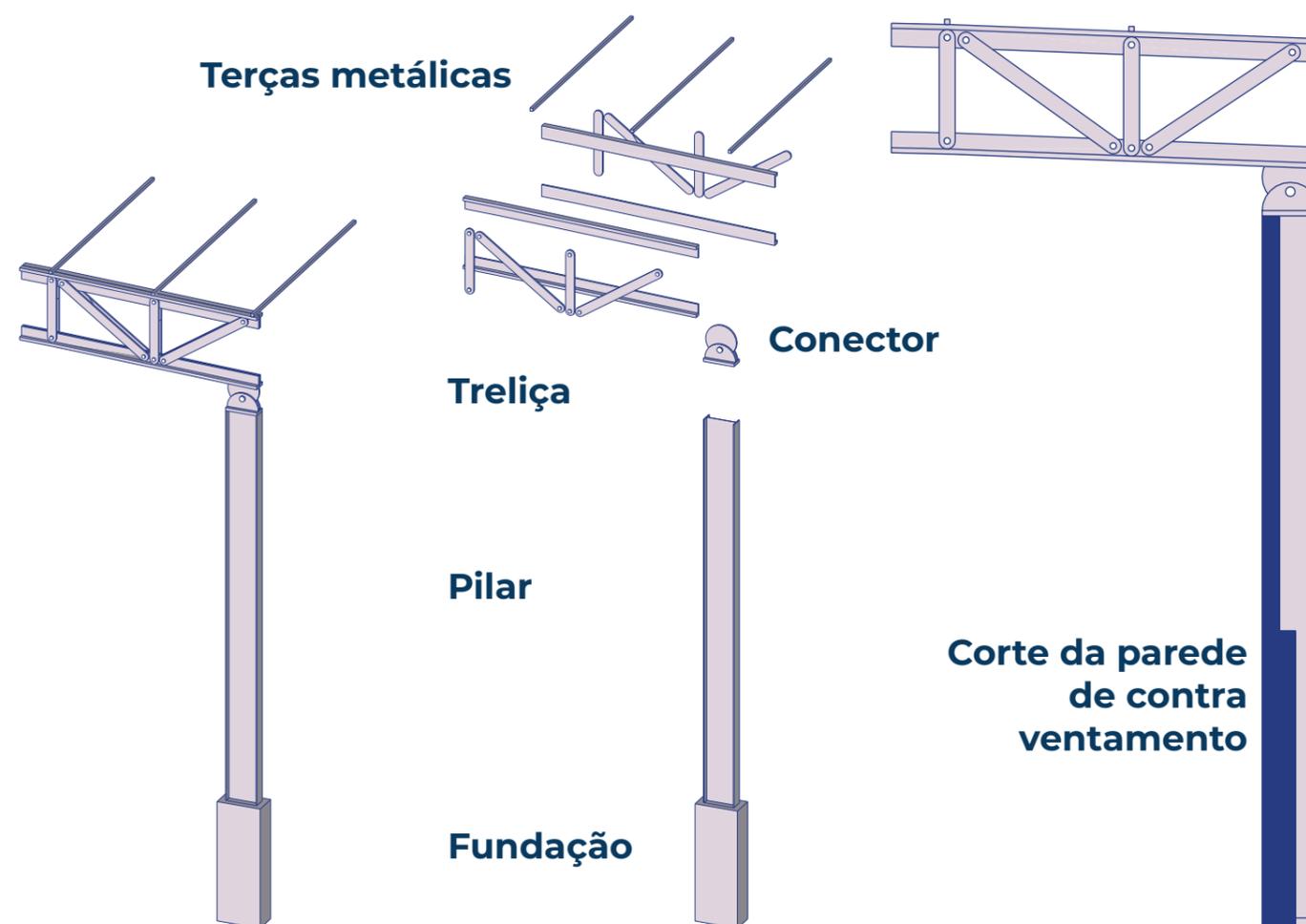
Sendo assim, a estrutura de concreto, e assim os blocos de atividades, é recuada do perímetro do projeto (exceto em suas laterais, onde suas paredes poderão servir de contraventamento). Deixando a mostra os pilares da estrutura metálica, peças feitas em aço de aproximadamente 530 x 210 cm (retiradas do catálogo de perfis de aço da Gerdau Açominas).

Como dito anteriormente, as treliças metálicas aqui não podem ter conexões extremamente rígidas

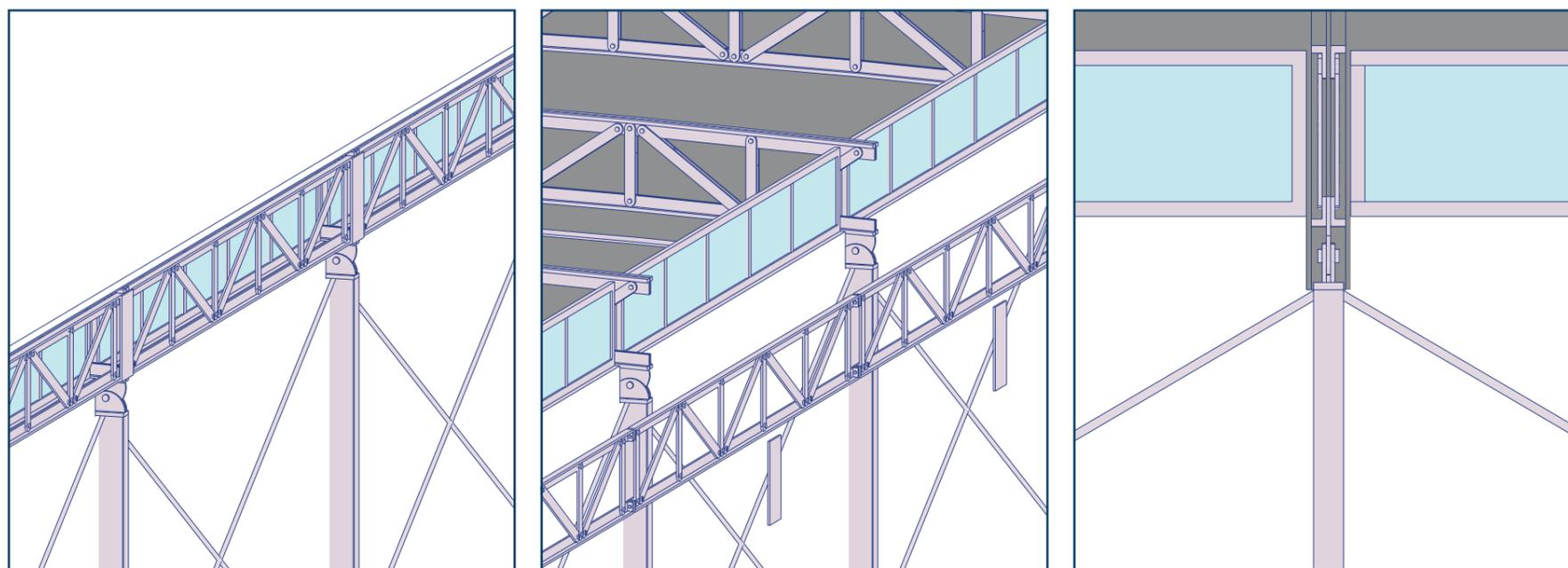


por conta de seu formato. Como demonstrado no projeto da Fundação Louis Vuitton, de autoria de Frank Gehry e parceria, uma estrutura mais arqueada pode se beneficiar de conexões que permitam uma certa movimentação, por isso, é interessante que a conexão entre elas e os pilares seja feita através de um único parafuso que funcione como um certo tipo de “rolamento” para a estrutura. Soldar ou aplicar mais de um parafuso acarretaria na rigidez dessa conexão, não permitindo o trabalho necessário para a estrutura da treliça. Esta rigidez, no entanto, se faz bastante necessária na conexão do pilar a fundação, que em alguns casos aqui é aflorada por conta dos diferentes níveis do terreno.

Para os contraventamentos, serão utilizadas paredes da estrutura interna de concreto aliadas a tirantes de aço. Isso se torna necessário principalmente pela necessidade de aberturas do projeto para a rua de serviços situada na fachada oeste, pois os contraventamentos, se fossem aplicados de piso ao topo dos pilares atrapalharam no fluxo entre o espaço interno e a rua de serviços.



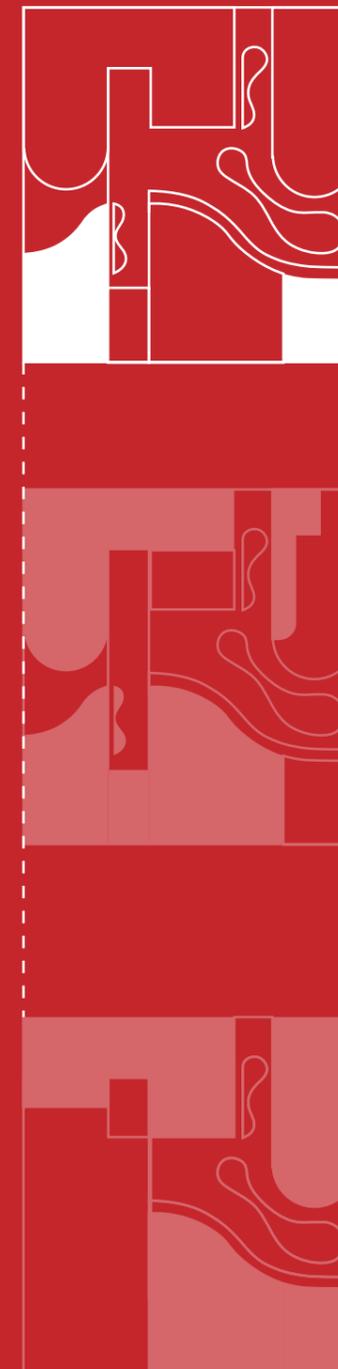
Figuras 30: Estrutura da Fundação Louis Vuitton. Fonte: Eduardo Pierrotti Rossetti

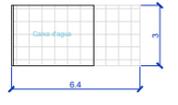
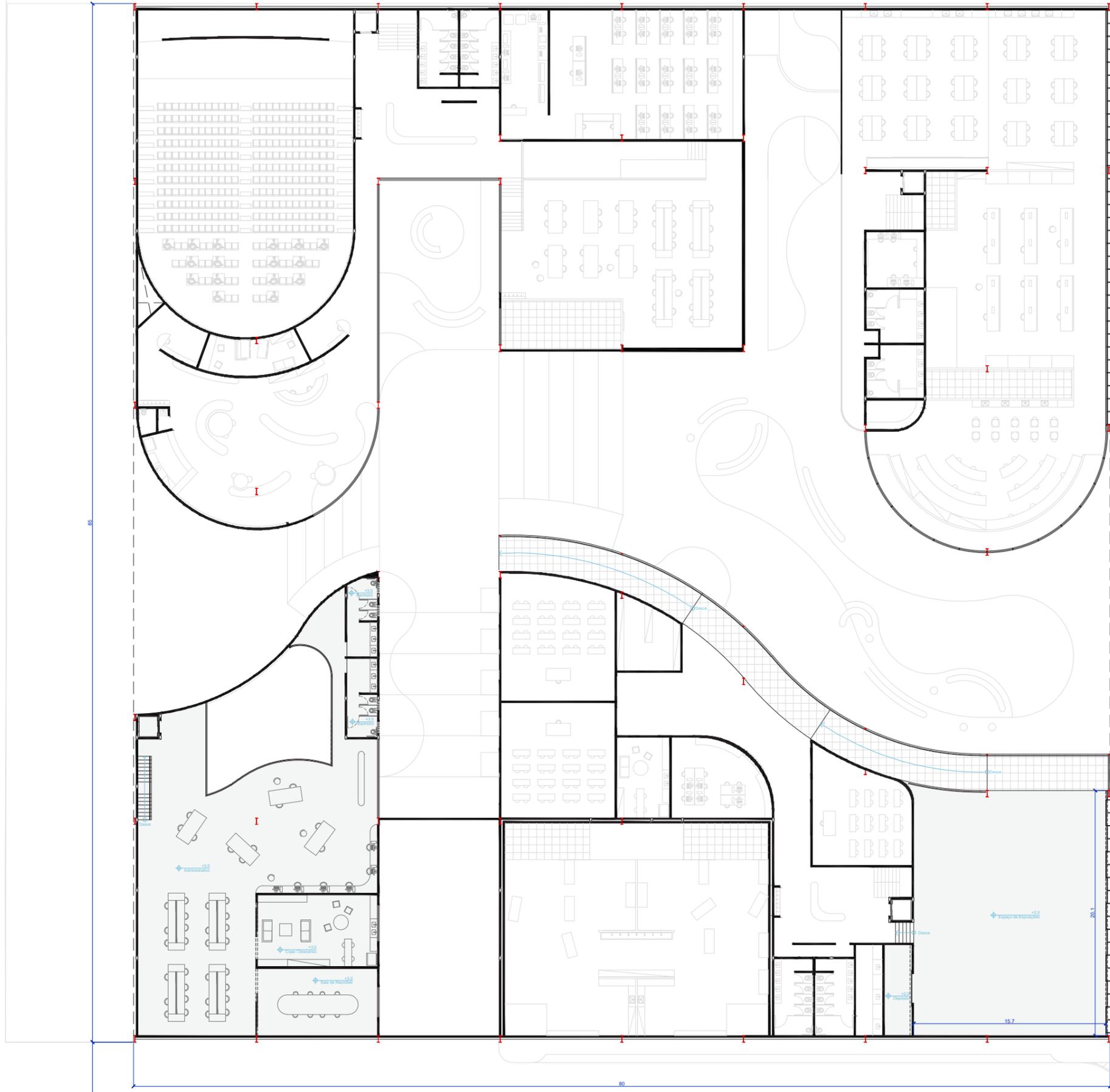


Detalhe do fechamento atrás das treliças

Por fim, a estrutura metálica também deve contar com brises aplicados na fachada sul. Esta fachada não sofre com a incidência do sol na maioria do ano, no entanto, durante os meses de dezembro a fevereiro recebe insolação direta nos períodos da manhã e da tarde, por isso, brises metálicos e verticais, com comprimento de aproximadamente 50 centímetros, serão aplicados a cada tantos metros para o impedimento desta luz direta.

Plantas baixas e detalhes





Escala 1: 350



85

85

15.7

20.1

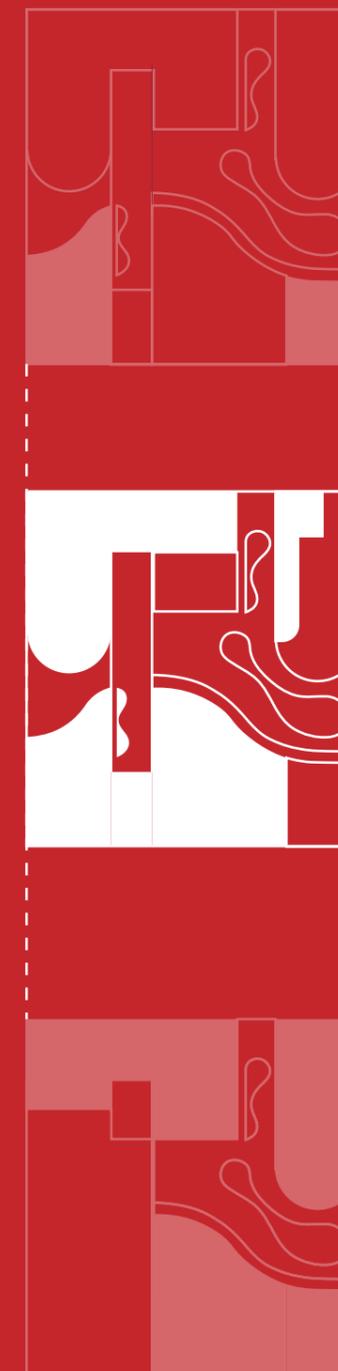
Por conta do desnível presente no terreno escolhido, pode-se perceber que foram desenvolvidos 3 níveis diferentes ao decorrer do passeio principal do projeto. Com uma diferença de 1 metro entre cada um deles, o mais alto é o patamar que serve de entrada e que recebe a população vinda pela EPNB, enquanto o intermediário e o inferior se transformam no espaço de passeio e de convivência dentro do projeto.

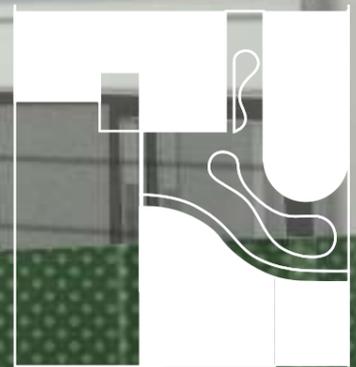
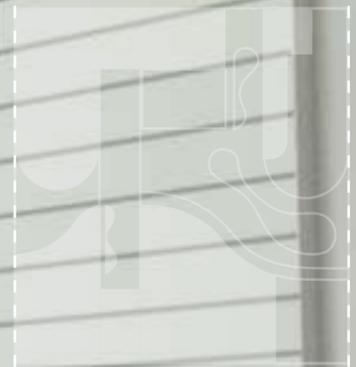
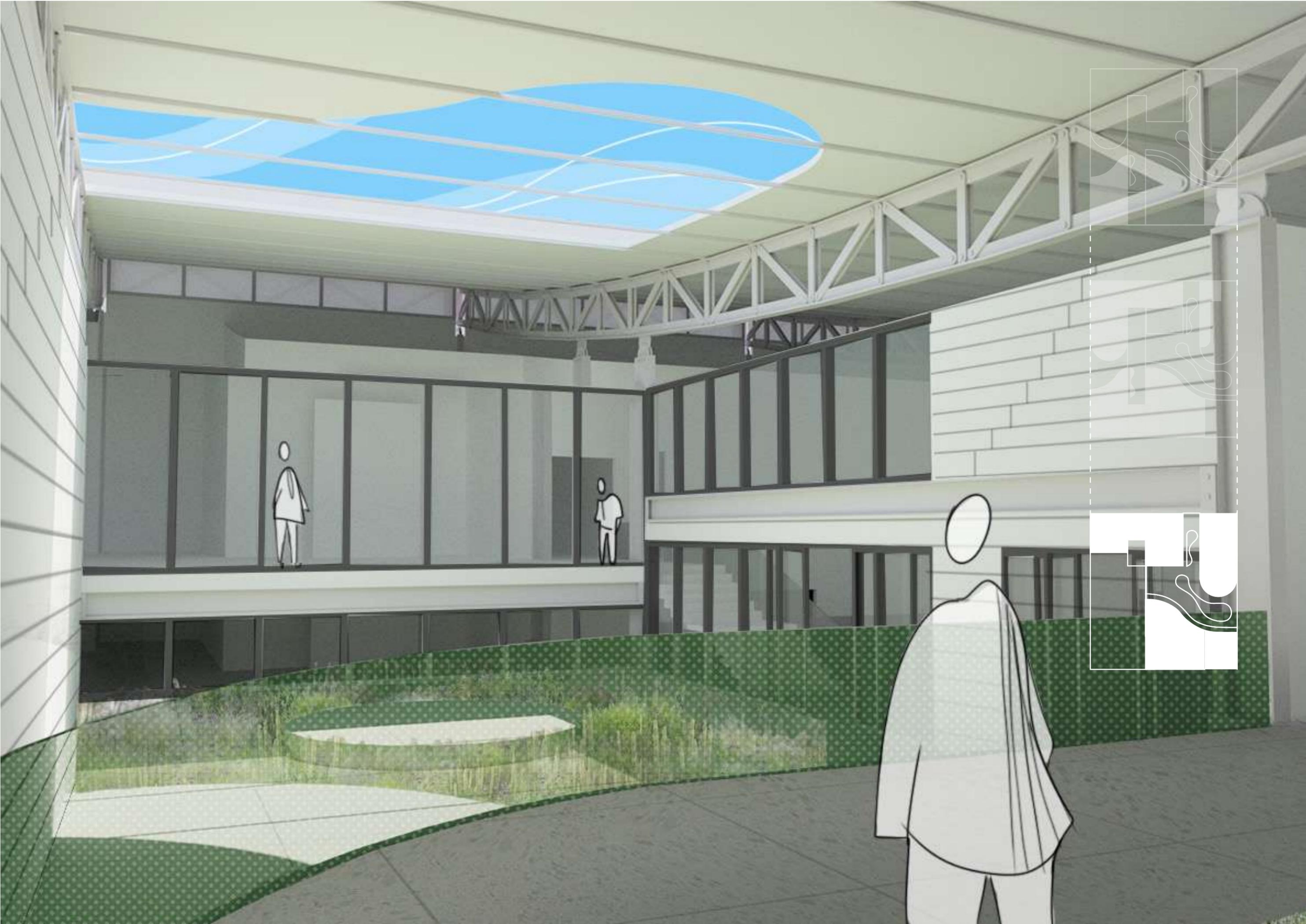
Neste local, gradis metálicos coloridos são utilizados tanto para demarcar alguns espaços dentro do grande vazio, como no caso das peças utilizadas acima dos jardins, quanto para conduzir os visitantes pelo espaço, através de sua aplicação em corrimãos, guarda corpos, e principalmente na rampa atirantada às treliças logo acima. Estes pequenos vislumbres de cor assim como a paginação mais dinâmica do revestimento polimérico aplicado nas paredes, são recursos utilizados para complementar a dinâmica visual criada pelas treliças, rasgos e curvas sem que ocorra um exagero de informações.

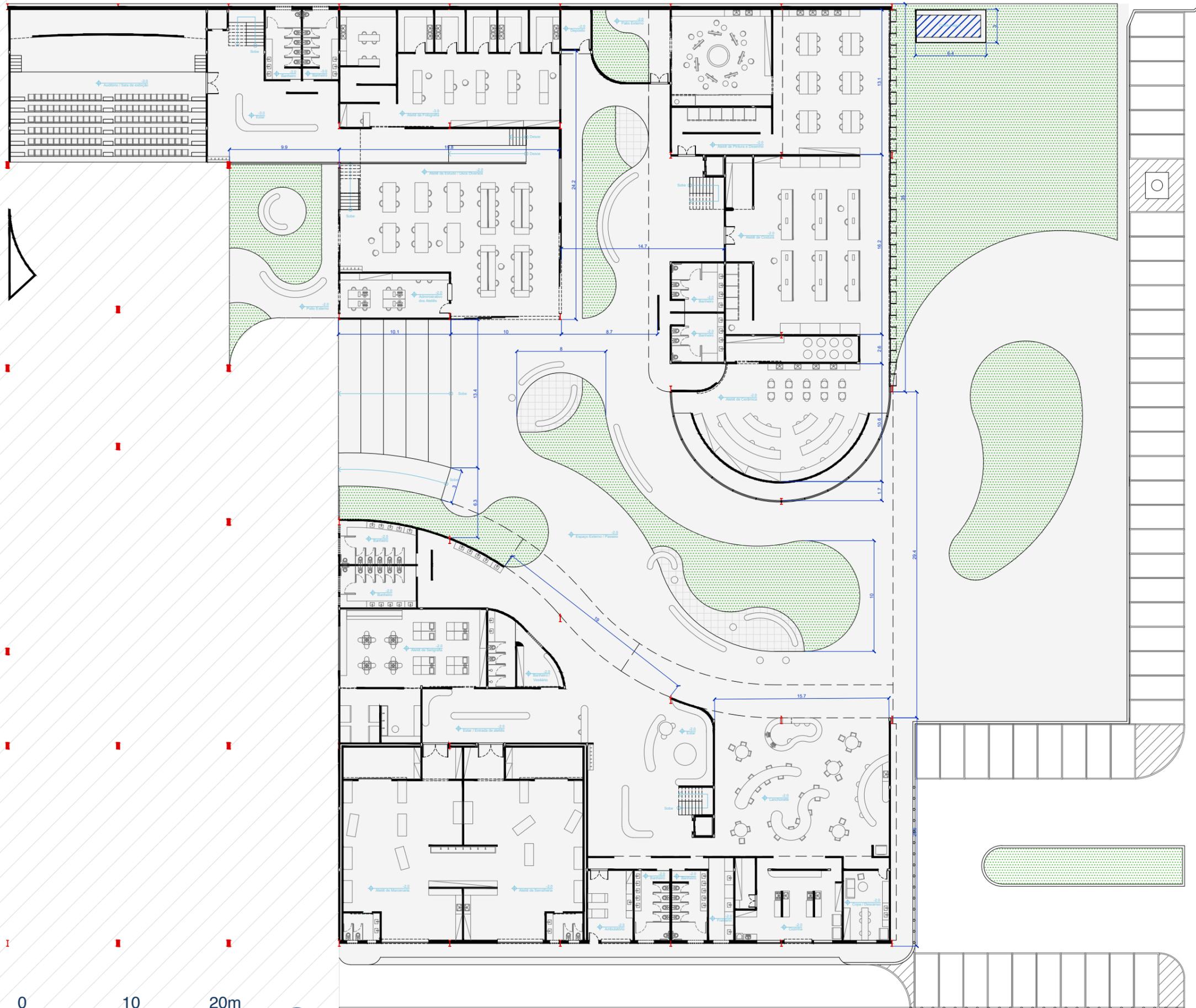
É possível perceber a utilização dos gradis metálicos também na caixa d'água localizada no canto da fachada voltada para o Riacho Fundo. Pela

cobertura se tratar de uma treliça metálica ondulada, seria improvável a implementação de um elemento como este logo acima do projeto. Se tornando então um elemento visível, a caixa d'água ganha certa plasticidade para que ela possa se assemelhar mais a uma escultura ao invés de apenas um grande tanque de água.

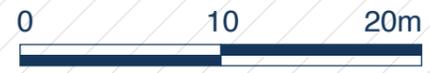
Por fim, vale ressaltar que todas essas escolhas projetuais vieram após a implantação das plantas iniciais dos ateliês no terreno. Elas deram o ponto de partida para o desenvolvimento do projeto, mas apesar disso, não foram rigorosas com sua forma inicial, e foram moldadas e alteradas onde necessário para a diagramação e interação com o restante do projeto. O ateliê de cerâmica, por exemplo, foi alterado quase que completamente por agora estar situado em um espaço de formato circular, no entanto, seu programa e necessidades continua sendo atendido da mesma forma que em sua planta inicial. Da mesma maneira, o restante dos ateliês foram se moldando ao restante do projeto, algumas áreas pensadas originalmente de maneira individual para cada um (como banheiros, copas e vestiários) agora se tornam áreas de uso coletivo com o restante do programa do Sesc Riacho Fundo.







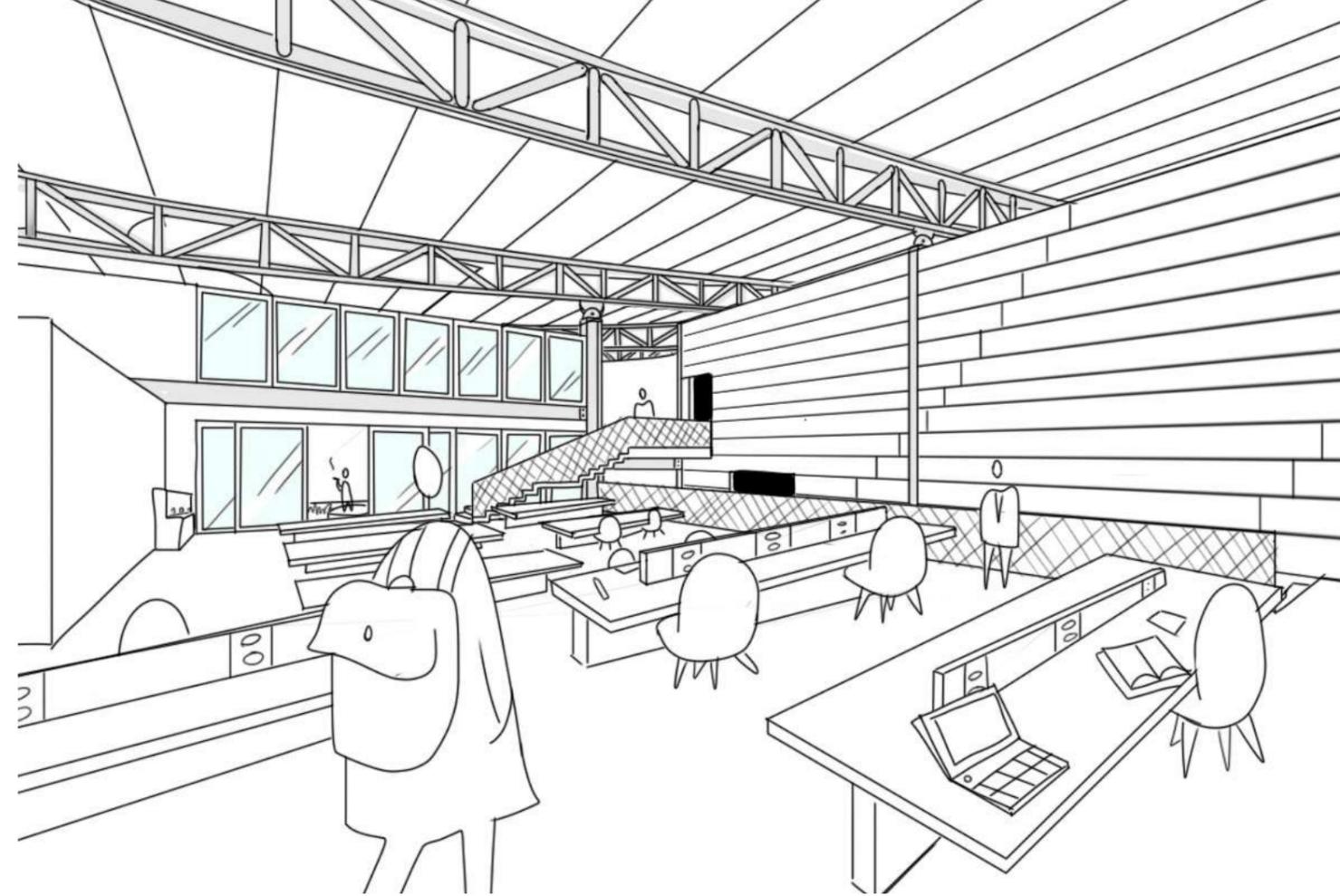
Escala 1: 350



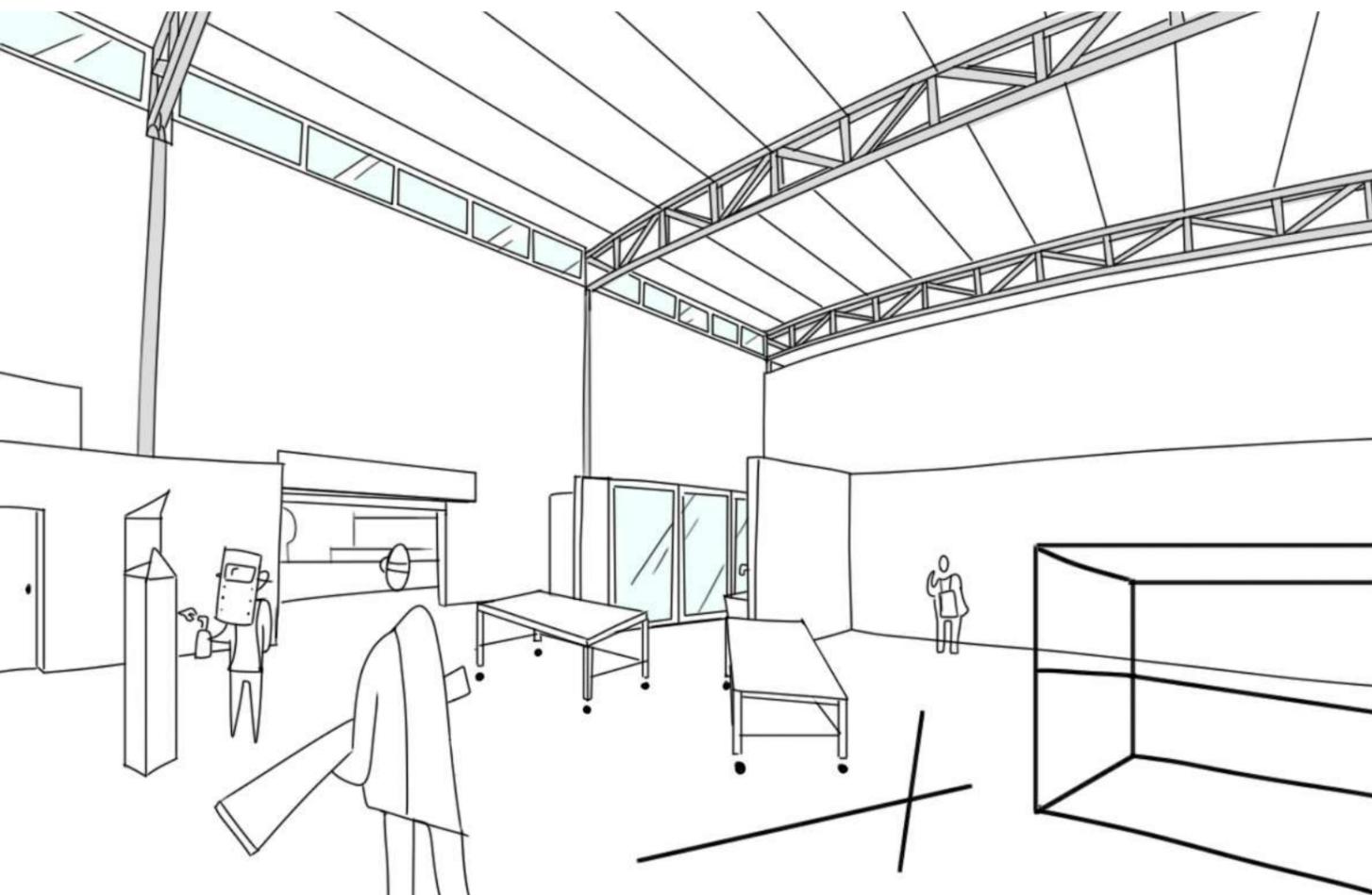




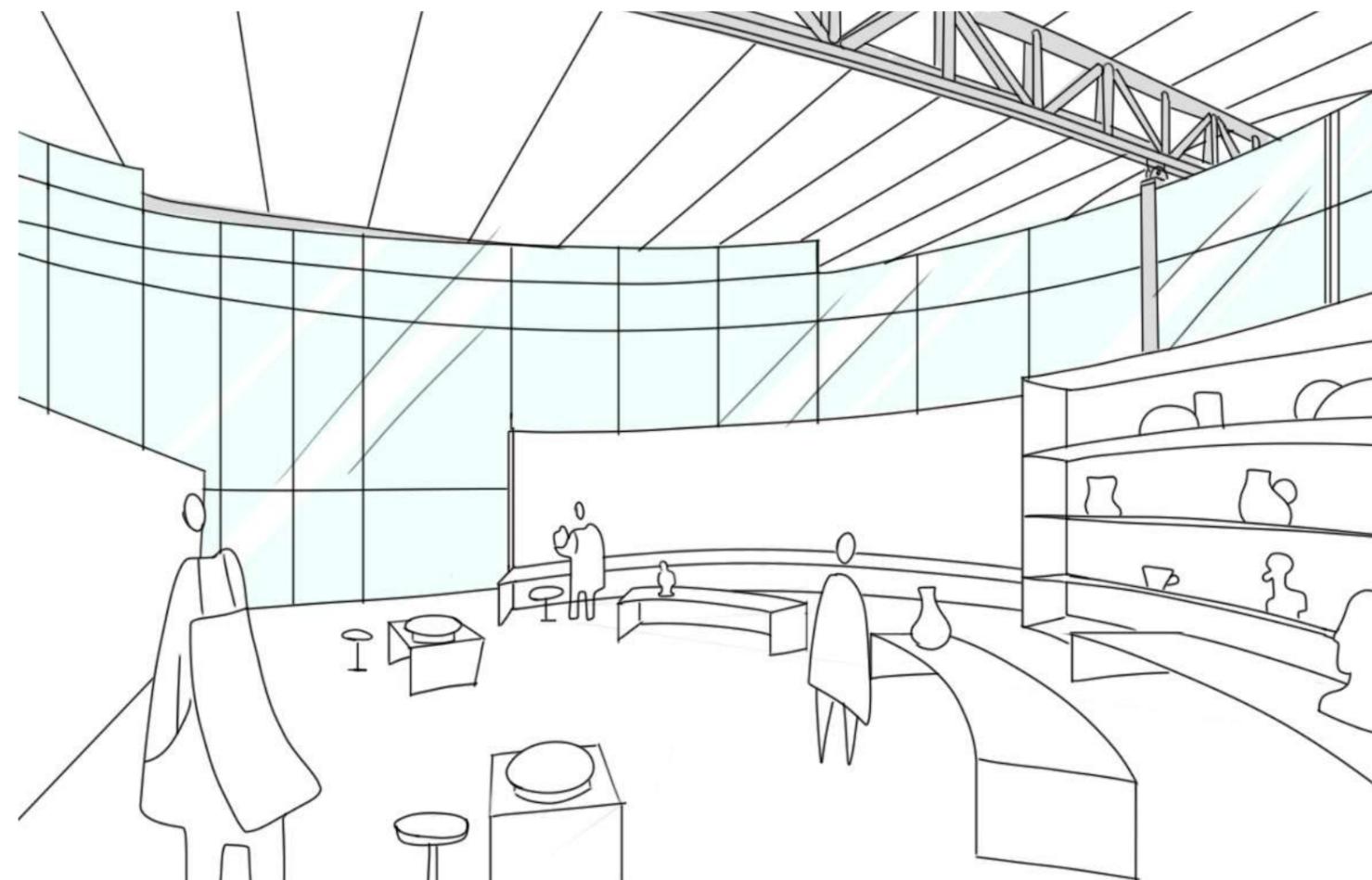
Hall de entrada / Estar



Ateliê de Estudo / Usos Diversos



Ateliê de Marcenaria / Serralheria



Ateliê de Cerâmica

Bibliografia

ARCHITECTURES, MEDIATECA DE SENDAI. Dirigido por Richard Copans. Paris: Centro Georges Pompidou. 2004

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. 4ª Edição. Brasil, Fundação Nacional das Artes. Editora Garamond Ltda, 2019.

BRITTO, Fernanda. "Clássicos da Arquitetura: Mediateca de Sendai / Toyo Ito & Associates" 04 Feb 2012. ArchDaily Brasil. Acessado 21 Out 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-25662/classicos-da-arquitetura-mediateca-de-sendai-toyo-ito-e-associates>> ISSN 0719-8906

CONHEÇA A ADMINISTRAÇÃO. Administração Regional do Riacho Fundo. 03/08/2016. Disponível em: <https://www.riachofundo1.df.gov.br/2016/08/03/conheca-a-administracao/>. Acesso em: 31/08/2021.

DELAQUA, Victor. "Tijolo por tijolo": conheça a história por trás do Sesc Pompeia de Lina Bo Bardi" 23 Dez 2020. ArchDaily Brasil. Acessado 16 Out 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/922137/tijolo-por-tijolo-conheca-a-historia-por-tras-do-sesc-pompeia-de-lina-bo-bardi>>

ESPAÇOS CULTURAIS DO SESC-DF. SESC-DF 2021 Disponível em: <https://www.sescdf.com.br/Paginas/%C3%81reas/ESPA%C3%87OS-CULTURAIS-DO-SESC-DF.aspx>. Acesso em: 31/08/2021.

FOLHETO HISTÓRICO, SESC POMPEIA. Impresso em 2013. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/unidades/11_POMPEIA/#/content=tudo-sobre-a-unidade

FRACALOSSO, Igor. Clássicos da Arquitetura: SESC-Pompéia / Lina Bo Bardi. s/d. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>. Acesso em: 31/08/2021.

INSTITUCIONAL. SESC-DF, 2021. Disponível em: <https://www.sescdf.com.br/Paginas/Institucional/Default.aspx>. Acesso em: 31/08/2021.

KOOLHAAS, Rem. Nova York delirante. Um manifesto retroativo para Manhattan. Coleção Face Norte, São Paulo, Cosac Naify, 2008.
LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO. Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Habitação. Anexo-III-Quadro-14A_Riacho Fundo. Brasília. 2019

LEI COMPLEMENTAR Nº 948, DE 16 DE JANEIRO DE 2019. Sistema Integrado de Normas Jurídicas do DF. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/fdab09844f754a998dea87e64a4b4d54/Lei_Complementar_948_16_01_2019.html. Acesso em 17/10/2021

LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO É PUBLICADA NO DODF. Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Habitação. Disponível em: <http://www.seduh.df.gov.br/texto-luos/>. Acesso em 17/10/2021

MAPA DE USO DO SOLO. SUDEC/SEDUH (2020). Mapa 15 - Região Administrativa do Riacho Fundo RA XVII

MAPAS. Secretária de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação. 05/10/2017. Disponível em: <https://www.seduh.df.gov.br/mapas/>. Acesso em: 31/08/2021.

NEUFERT, Ernst. Arte de projetar em arquitetura. 18ª edição, Gustavo Gili, 2013.

OSORIO, Luis Camillo. "Querelas que interessam: Forensic Architecture e os paradoxos da arte e da política". Viso: Cadernos de estética aplicada. Rio de Janeiro: Editora, Vol 14., N 27., p. 71-91.

PDAD – Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílios, SEPLAN/ DF. 2018. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Riacho-Fundo.pdf>. Acesso em: 31/08/2021.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. "Balé Triádico: trinômio do quadrado perfeito, ou não..." ARQUI, Revista da FAU Unb, Nº12, Brasília, p.103

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO DISTRITO FEDERAL. Assessoria de Planejamento, Monitoramento e Avaliação - ASP. Relatório de Gestão Exercício 2019-Serviço Social do Comércio Distrito Federal. Brasília. 2019. Relatório

SOUZA, Eduardo. Primeiro lugar no concurso para o novo Sesc Limeira. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/879185/primeiro-lugar-no-concurso-para-o-novo-sesc-limeira>. Acesso em: 31/08/2021.

TRÈS GRANDE BIBLIOTHÈQUE. Beta architecture. Disponível em: <http://www.beta-architecture.com/tres-grande-bibliotheque-rem-koolhaas/>. Acesso em 15/10/2021

TRÈS GRANDE BIBLIOTHÈQUE. OMA Office Work. Disponível em: <https://www.oma.com/projects/tres-grande-bibliotheque>. Acesso em 15/10/2021

VILLAC, M.I. Condensador social: uma questão para a vida pública contemporânea. Oculum Ensaios, v.15, n.1, p.99-110, 2018. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v15n1a3743>

ZECHINATO, Bianca Panigassi. Residência educativa no Sesc Pompéia. Relatos e reflexões. 2016 a 2018, In Anais do 27o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27o, 2018, São Paulo. Anais do 27o Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2310-2325.